

Arsénio Mota

a última novela

bibRIA



LIVROS HORIZONTE

ARSENIO MOTA

Collecção ENCONTRO

1. DE VITOR AO XADREZ

António Torrado

2. ESTAS SEARAS

Ilse Losa

3. CICLO DO PRESTE IOÃO

Júlio Gago

4. O QUE AGORA ME INQUIETA Novela

A ÚLTIMA APOSTA

(Ficções na Bairrada)

(Ficções na Bairrada)

6. EURIDICE

Vasco Ribeiro

7. ALGUMAS NASCIMENTOS

José Manuel Ribeiro

8. O APOCALIPSE

José Manuel Ribeiro

9. A CANÇÃO DE MUCARIO

José Manuel Ribeiro

10. TRAJECTOS

Domingos Lopes

11. A ÚLTIMA APOSTA (Ficções na Bairrada)

Arquêlo Mota

bibRIA

LIVROS HORIZONTE

Colecção ENCONTRO

1. DE VÍTOR AO XADREZ
António Torrado
2. ESTAS SEARAS
Ilse Losa
3. CICLO DO PRESTE JOÃO
Júlio Graça
4. O QUE AGORA ME INQUIETA. Novela
Carlos Coutinho
5. SOM DE ORIGEM (Arte Descrita)
Arsénio Mota
6. EURÍDICE
Vasco Riobom
7. ALGUÉM QUE NÃO CONHECI
José Manuel Heleno
8. O APOSTOLO DE SI
Júlio Moreira
9. A CANÇÃO DE MUCÁRIO
José Manuel Heleno
10. TRAJECTOS
Domingos Lopes
11. A ÚLTIMA APOSTA (Ficções na Bairrada)
Arsénio Mota

ARSÉNIO MOTA

A ÚLTIMA APOSTA

(Ficções na Bairrada)

bibRIA



Concelho de Oliveira do Bairro
Distrito de Aveiro
3770-355 Palhaça
Portugal

LIVROS HORIZONTE

Colecção ENCONTRO

ARSÉNIO MOTA

1. DE VITOR AO XADREZ

António Tormado

2. ESTAS SEAS

Uso Lima

3. CICLO DO PRESTE JOÃO

Julio Graça

4. O QUE AGORA ME INQUIETA. Novela

Carlos Gonalves

5. OS DEUS DE ORIENTE

Armando

6. JURIDICE

Vasco Ribeiro

7. ALMA DE VITÓRIA

João Mota

8. O CANTO DO GATINHO

Conceição de Oliveira

9. O CANTO DO GATINHO

Conceição de Oliveira

10. O CANTO DO GATINHO

Conceição de Oliveira

Colecção ENCONTRO

Título: A Última Aposta (Ficções na Bairrada)

Autor: Arsénio Mota

Capa: Estúdios Horizonte

© Livros Horizonte — 1987

Reservados todos os direitos de publicação
total ou parcial para a língua portuguesa por
LIVROS HORIZONTE, LDA.

Rua das Chagas, 17, 1.º Dto. — 1200 Lisboa

Só uma indagação à etimologia poderá iluminar todo o campo semântico contido no vocábulo *Bairrada*, que subintitula este livro. José Pedro Machado, por exemplo, remete-o para *bairro* e para *barro*. Este último termo — diz — pressupõe o mesmo do latim vulgar, «*de origem ainda não completamente conhecida; mas a existência, pelo menos aparente, do elemento -arr- talvez desse prioridade a uma fonte hispânica, postulando influência ibérica, talvez antes céltica, suscitada pelo gaulês barro*». Não se esquecendo de aproximar o termo latino do árabe e de apontar a evolução dos seus sentidos, o autor do «Dicionário Etimológico» considera que de *barra* derivou o português *bairro*. Afirma em seguida que «*de bairro veio o topónimo Bairrada*» e, abonado no «Elucidário» de Viterbo, cita *barro* também na acepção de *lugar pequeno, quinta, aldeia, casa de campo ou abegoaria*. Veja-se, pois, em *Bairrada*, a síntese de muitas destas transformações semânticas: a barra que separa, ou a entrada estreita de um porto, ou a figura de um homem robusto; a aldeia; o bairro, arrabalde de cidade ou extremidade e, sempre, o barro primordial, cor de carne, de sangue ou de vinho novo.

bibRIA

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização por escrito da editora.
LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua das Chagas, 17, 1.º Dia — 13051-000 — São Paulo, SP

AOS MEUS PAIS

— às suas vidas de terra.

Aquele punhado de cascas com unchações de alpendres não alcançava a formar aldeia.

As cascas amarram-se na vegetação luxuriosa, deixando à toa das ramadas apenas os folhados castanhos, os sulcos calvos de gramíneas, setinhas e de tranças escuras que ao entardecer se tornam brancas e fumaças. O fumo subia como um vapor, e a noite, quando o vento se torcia caprichoso, e parecia ao mar, lábio com viva admiração de não ver por ali, na redondeza, mais telluzes e chaminés abrindo clareiras no oceano de ramos e folhas verdes. Pouco depois, os penachos de fumo dobravam-se, penteados pela brisa, e corriam, formando clara nuvem, pela amplitude do agro a desdobrar-se até ao limite do horizonte.

Milhões, vinheiros, searas e pinheais verdejavam e frutificavam, tontos de seiva, ao largo das encostas, abriam-se e crescendo, lucensavelmente, da terra escura para o sol cálido. A ideia de haver alguns campos azarados morria nas crispções envolventes da selva e do viço, como se a terra visse de um gincoel cósmico. Parecia um campo um cheio de vida misteriosa aberto.

Em chato alagado. Gerava poeira. As ventos dançavam pelas águas, sobre poeira e solo em áreas de poeira. Incontínuas, as águas bruxuleavam e largos recolhiam um

AOS MEUS PAIS

— os seus vidos de terra.

bibRIA

a

Aquele punhado de casas com inchaços de alpendres não alcançava a formar aldeia.

As casas sumiam-se na vegetação luxuriosa, deixando à tona das ramadas apenas os telhados castanhos, os sulcos calvos dos caminhos vicinais e as chaminés escuras que ao entardecer espargiam mechas de fumo ralo. O fumo subia como um suspiro na atmosfera transparente, em torcidas caprichosas, e parava no alto, como coisa viva admirada de não ver por ali, na redondeza, mais telhados e chaminés abrindo clareiras no oceano de ramos e folhas verdes. Pouco depois, os penachos de fumo dobravam-se, penteados pela brisa, e corriam, formando clara nuvem, pela amplidão do agro a desdobrar-se até ao limite do horizonte.

Milharais, vinhedos, searas e pinhais verdejavam e frutificavam, tontos de seiva, ao largo das courelas, abrindo-se e crescendo, incansavelmente, da terra escura para o sol cáldio. A ideia de haver algures campos sáfaros morria nas crispações envolventes da seiva e do viço, como se a terra viesse de um gineceu cósmico. Pairava nos campos um cheiro de seio materno aberto.

Era cheiro absorvente. Gerava paixão. As ventas tisnadas pelos sóis curvavam-se para o solo em ânsias de posse. Incontíveis, as mãos bronzeadas e largas recolhiam um

punhado, os dedos ossudos apertavam-na, o nariz aspirava-a com avidez. Ambição de todos os homens era serem donos dela nem que fosse durante uma só leira, para a possuírem como a uma mulher: fazendo-a sua.

Os pés andavam nus, pisando a terra com delícia e o interior de muitas casas não tinha soalho, por vezes nem cama: dormia-se na casa-da-eira, de mistura com o grão das colheitas, as alfaias agrícolas.

União fecunda de homens e terra. Onde os trabalhadores poisavam pé, nascia criação.

Os trigais eram recheio de tulhas e celeiros; os batatais uma esperança verde. Os milharais irrompiam como florestas de pinheiros anões, coroados pela promessa de espiga e bago loiro. Aqui e ali tais florestas abriam-se em clareiras em cujo centro mergulhavam poços.

A primeira nuncia da madrugada as portas dos currais franqueavam-se e bois saíam envoltos em bafo morno, tirados por raparigas sonolentas.

Era preciso regar o pão.

Quando o sol nasceu descobriu-se, aqui e além, nos reflexos das águas correntes e nos lampejos dos alcatruzes molhados, o movimento que ia no agro. As folhas pontiagudas do milho coruscavam como lâminas de faca, húmidas do rocío da noite, sob um Sol a elevar-se, cada vez mais quente, para um céu de forno que tudo secava e deixava exangue. Então fazia-se necessária a rega para debelar a modorra das folhas caídas.

Os bois rodopiavam, zurrizados por vara impaciente, e a água quase transbordava das regadeiras condutoras. Ao longe qualquer mão espevitava o rasfolegar de um motor, que começava a soar mais nítido. Olhos atentos seguiam o labirinto dos regos e das marinhas, vigilantes, na caça de fugas de água por tocas de toupeira que logo o calcanhar certo obstruía.

Era preciso regar a herdade das Martinhas, lá para as bandas da Tojeira, e esparrar a vinha do Canto dos Pregos, naquele dia...

A tarde parou em quietação dormente na hora da sesta. Os milharais não mexem uma folha. A terra adormece no abandono de mulher beijada.

Porém, uma brisa leve agita agora as franças do pinhal do fundo. O milho sussurra também, acordando, e o frémito prolonga-se pelo dorso do agro, conduzindo o arrepio do final da sesta.

Na herdade das Martinhas não houve paragem. Os talhões dessedentaram-se um após outro. Dir-se-ia que o milho estremecia de volúpia e que a gleba exalava odor mais penetrante, recebendo a carícia fresca da água.

A moça que a guiava sentia na planta dos pés, a subir pelas pernas, a mesma carícia prolongada, que depois lhe envolvia a cintura e confluía na ponta eléctrica dos seios, causando-lhe uma sensação esquisita, coceguenta, doce e dolorosa.

Com o deslizar da tarde a brisa leve ganhou força. O milho inclinava, submisso, os caules, ritmadamente, em murmúrios misteriosos, repassados de augúrios. Era como se alguém fendesse aquela floresta e chamasse em surdina.

A moça estava, tensa, à escuta.

Quando ele dela se aproximou, não se mexeu. Apenas os olhos, ao abarcá-lo, se alargaram. Depois ficou à espera, atenta.

Ele arredou umas folhas, sempre agachado. Fitava-a também, com o modo ardente que desde a outra lua ela lhe notava.

Na sua boca não cresceu um sorriso, não houve surpresa. Na cara dele havia só instinto. Avançou até lhe tocar. Puxou-a pela mão, para baixo, e ela dobrou-se docilmente. As caras ficaram tão próximas que ambos sentiram as respirações acelerarem numa corrida veloz. As mãos do homem

percorreram o corpo da jovem e desapareceram na sombra da blusa. Uma impaciência raivosa uniu os dois corpos, fazendo-os rolar com as bocas sujas de terra coladas num beijo animal.

Serenamente, a água encheu o talhão e transbordou para outros talhões vizinhos, enquanto lá adiante o poço acabava por se escoar.

Sim, faltava esparrar a vinha do Canto dos Pregos e, no dia seguinte, tudo continuaria igual.

bibRIA

b

Ao pôr-do-sol as chaminés tornaram a mastigar uma branda torcida de fumo. Os cavadores ergueram as costas dobradas desde a sesta e respiraram aliviados.

Mais um dia, aí!

A malta sentia-se cansada mas triunfante. Mais um dia!

Aquele trabalho, duro. As leivas da vinha eram pesadas, leivas de chumbo, e as lâminas das enxadas tinham que nevolvê-las, desentranhar a terra espessa, barrenta.

Era extenuante. Além disso, os dias eram já compridos como atalhos no deserto, o sol queimava como pólvora. E, ao arrear do trabalho, os rins doíam com punhais cravados nos flancos. As noites cada vez mais curtas à medida que avançava o Verão, os corpos cada vez mais lassos, incapazes de alcançar repouso nas enxergas. Nas bocas contraídas um paladar estranho de pó e transpiração e uma sede que mil arroios não debelavam.

A cava da vinha estava no fim. Duro, mas era o trabalho melhor pago. Aguentariam. Como sempre, claro.

— Eh pessoal! Arreia!

Lentamente, como se o hábito de manejar a enxada pudesse mais que a vontade de desistir, os braços foram caindo vagarosamente em prostração, paralelos aos corpos.

Um longo suspiro de alívio evolou-se no ar. A seguir, as enormes enxadas foram sacudidas da terra e o derradeiro gorgolejo da jarra procurado por lábios encorticiados.

Os cavadores desataram dos pescoços os lenços empapados em suor, tentando enxugar as caras. As enxadas foram colocadas ao ombro, por cima dos casacos dobrados, e a malta fez caminho para casa.

Não lhes apetecia nem lembrava gracejar. Iam derreados. O que valia, afinal, era o cômodo da estrema que estava quase a ser atingido. Não dariam aquela vez parte de fracos, já com o dia da adiafa à porta! Mas... e depois daquela cava? Sim, depois colheriam as batatas, em seguida mondariam o milho, depois aplicariam o sulfato nas vinhas, depois...

Iam em silêncio, meditativos. No ar fluuava apenas o som de uma conversa remota, grave como as sombras da noite que começavam a subir. No céu ensanguentado do crepúsculo espalhava-se uma tintura de sangue vivo. O chão era vermelho, o ar vermelho, vermelhas as folhas verdes e as silhuetas móveis a caminho da casa — do céu à terra tudo ficou vermelho como se o dia houvesse sido teatro de algum crime. Em breve as sombras nocturnas corriam uma cortina casta sobre o poente. E quando as estrelas polvilharam o céu de luz fresca, aquele poente cor-de-crime fora visitar outras paragens.

Anoitecera completamente quando os cavadores entraram no pátio do patrão repleto de alfaia e poisaram as enxadas, soltando novo suspiro de alívio. Mas o vermelho sangrante da tarde morta tinha vindo com os homens, pendurado no morrão ígneo dos cigarros...

Os criados da casa iam e vinham, açodados. Passavam pela malta reunida no pátio e atiravam pedaços de frase, desejosos de lá estarem também. Tinham que cuidar dos gados e dos currais e de preparar o estrume para acamar no dia seguinte nas leivas revoltas da vinha.

Uma moça veio anunciar que a ceia não tardava um fósforo. Da cozinha fluía para o pátio um cheiro de regalo e os homens sumiram os cigarros, reanimaram-se. Aquele dia fora-se. Mais um dia, aí!

A conversa nasceu. Quantos dias restariam de jorna? E o tempo, iria toldar-se?

Um jornaleiro novo dirigiu umas graças à rapariga que passava de pucheira na mão para o vinho. Aguentava a safra do manteio pela primeira vez e sentia-se homem maduro, valente. Beliscou o braço da rapariga.

— Vai gozar prá praia, danado!

Riram e foram juntos à adega. Ele queria dizer-lhe que antes das sortes tiraria os papéis para demandar a Venezuela. Tinha lá o irmão, que lhe mandaria carta de chamada, e haveria de conseguir um empréstimo para custear a passagem. Ganharia muito dinheiro e depois, quando regressasse...

Os cavadores torceram os olhos para os dois, sorrindo. A carne rija da moça, tão jeitosa para beliscões... Um criado veio pedir auxílio a duas mãos do grupo. Duas mãos acorreram, prestas. Alguém aproveitou a ausência do companheiro para fazer correr segredos entre a malta. Tinham visto o Picão logo pronto para a ajuda? Tinham sentido, no manteio, como ele «puxava»? Pois acreditassem que o badameco avezava maquia por aquilo, anh?!

Um dos jornaleiros discordou. Andava sobressaltado, às turras com um fantasma, desde que lhe disseram que ele, nas mãos de certo tipo (ah, se descobrisse o sacana!) era um frangalho. Um frangalho! E acusavam-no de, na cava do Margaça, ter feito cera. Ora, se não usasse de cautela nas falas, não tardaria a ficar sem patrão para uma jorna sequer. Alguém andava na sombra a miná-lo, a provocar a sua queda.

Por isso fez-se forte. Não tinha sentido «puxanço» nenhum, qual nada! (E o corpo todo moído, a latejar.) Mas

também era certo que o Picão era má rês, capaz da maroiteira...

Todos concordaram. No íntimo ambicionavam para si aquelas moedas suplementares, prémio da traição. Faziam arranjo, com todos os diabos! Era feio? Cantigas! Cada grupo tinha o seu «puxa». Porque cada um governa-se, nem mais. Se não fosse assim, quem agenciava o dinheiro para comprar as sementes, compor a cabana e amealhar para meter vaca turina, amparo certo das semanas de Inverno sem jornas? Cada um governa-se, nem mais!

E a conversa morreu. Cada um tem que tratar de si na selva do mundo, aí, sim, é que batia o ponto!

Veio a moça de pucheira na mão, trazendo à ilharga o novo jornaleiro; entrou na cozinha e volveu ao pátio. Num brado claro anunciou:

— Ceia pronta, ó pessoal!

Apetite excelente, valha-nos santa Engrácia! Os garfos, de dentes puídos pelo uso, andavam em rodopio das bocas para o monte de couves com olhinhos de azeite e rodelas de batata a espregitar, em pirâmide na imensa bacia de barro vidrado. A mesa era extensa. Ocupava, quase inteira, a cozinha acarvoada por fumos antigos. Os braços que conduziam o círculo dos garfos vorazes tinham que acotovelar-se.

— Para comer, de qualquer maneira! — sentenciavam, em chalaça, pois já viam os copos iluminados pelo vinho.

O novo jornaleiro aproveitou a ocasião para afagar a perna da moça, insinuando a mão por baixo da mesa. Quando ela o fitou, de cenho fixo, dardejou-lhe o seu mais prometedor sorriso. O outro cavador pensava no malandro que lhe abocanhava o nome. Onde é que tinha feito cera, ele que erguia cada enxadada aos cornos da lua e a sumia com freima até ao cabo? Se soubesse quem era, desquitava-se! Eram favas contadas, olé! Mais vale quebrarem a espi-

nha a um jornaleiro do que fazerem correr sobre ele fama de madraço. E o brio de um homem, é letra morta?

Comia pouco o cavador. A comida misturava-se na gorja com as estuporadas preocupações e arrolhava. Pensava na vaca que havia de comprar e ouvia as conversas dos companheiros. Se não conhecesse as vidas deles tão bem como a sua própria, julgaria que não tinham ralações nem cansaços. Palravam e riam, deixando escapulir olhares sedentos para os copos, e pareciam quase felizes. Talvez o filho do patrão estivesse a pensar justamente que tal gente era por demais alegre para vidas tão negras. Quem se arreda dos campos nada sabe destes. O filho do patrão, por exemplo, andara a doutorar-se nas universidades e agora, após o dia de festa que a aldeia organizara para o receber triunfalmente, estava ali a vê-los moer as couves e emborcar os copitos que punham sangue novo nas veias e ânimo nas línguas.

Quando o novel doutor falava todos emudeciam, incluindo o patrão, para o escutarem como a um oráculo. Na sua presença conservavam-se respeitosos e um tanto acanhados. Todavia, logo que o doutor falou de revolução técnica, de emparcelamento de propriedades, melhorias de índices de produtividade e, por fim, de máquinas que viriam fazer, em futuro próximo, o trabalho que hoje os seus braços faziam, todos começaram a falar com vivacidade ao mesmo tempo.

Como podia acontecer uma coisa tal? Podia lá ser! E então eles?

Lembravam-se da máquina vista um ano antes a lavar, num só dia, uma extensa encosta ali perto. Viram-na barulhar para trás e para diante, fazendo em três horas o que daria trabalho para semanas, e sentiram um baque de aviso correndo para um futuro povoado de máquinas. Mas subsistia uma dúvida: como poderiam elas fazer tudo, tudo quanto as suas mãos executavam?

Ao findar a ceia não havia ninguém que temesse o futuro anunciado pelo doutor, ouvidas que foram as suas explicações. Desejavam-no até. Entenderam que a humanidade se desenvolvia mediante o progresso técnico. Havia séculos principiara uma revolução industrial. Algumas camadas sociais já beneficiavam desse aperfeiçoamento: os operários da indústria e outros. Trabalho menos pesado, constante, de oito horas diárias; salários certos e assistência social organizada. Mas outras camadas ainda não puderam ser atingidas pela renovação técnica, sendo estas que actualmente têm um nível de vida mais baixo e precário.

Os lavradores e os jornaleiros também beneficiariam a seu tempo, quando a agricultura do país fosse mecanizada e a técnica tomasse conta do leme, no sentido de embargar os preços de custo e competir nos mercados internacionais. Para isso muitas pessoas teriam de ser dispensadas da agricultura a fim de ingressarem noutros sectores produtivos. Por enquanto, isso era certo, eles constituíam a classe mais explorada e escrava de que há memória. Mas não tardaria que...

Ouviam o doutor deslumbrados, de pupilas escuras abertas como girassóis ingênuos e cérebro agilizado. O patrão até se comovera com o discurso. Não fora vão o dinheiral que gastara com o filho, sim senhor! Aquilo é que era falar!

O orador apreciava os efeitos das suas frases. Relanceou pelas caras terrosas dos jornaleiros a mirada e notou nas cavernas das suas órbitas o crepitar da esperança. O rapaz deixara de pensar na carta de chamada da Venezuela: escreveria ao irmão informando-o de que, finalmente, iriam todos viver bem na terra. E convidaria o irmão a regressar presto, para ser lavrador também...

Tão fáceis eram dez reis de sonho!

O doutor deteve a mirada na moça que o contemplava extasiada, presa ao sortilégio da sua eloquência. Sorriu-lhe. A moça como que esquecera o rapaz que ia à Venezuela

buscar riquezas. Os seus seios despontavam, erectos, sob a vista cativa.

Todos sonhavam à mesa da ceia. Sonhos alvoraçados, imprecisos. Um jornaleiro mais afoito anavalhou aquela bolsa grávida de promessas, esventrando-a em palavras. Os companheiros ouviram-no contrafeitos. Porque haviam de falar e de beber depois de terem outra vez esperança? Pois tê-la não bastava?

Dizia o jornaleiro que não tornaria ao Sul para a safra do arroz. Tomaria de renda todas as leiras que pudesse e teria máquinas inteligentes, colheitas fartas. Com os lucros compraria terras, seria um dos maiores proprietários da Bairrada!

Ter terras suas... Ser dono de terras...

Sentiam nas epidermes curtidas as labaredas de entusiasmo do companheiro. Aquilo incomodava-os, obrigava-os a notar a inconsequência das próprias esperanças e a agarrarem-se a elas quando já lhes faleciam dentro do peito. E lembravam-se dos anos de seca inclemente, das súplicas que erguiam ao céu ferinamente azul para obter a graça de uma nuvem e, sem a verem, sem acreditarem sequer no seu advento, eles acreditavam na chuva e no bom resultado das preces feitas pelas ruas calcinadas, nas ladaínhas, com o padre e as velhas embiocadas de negro...

Pressentiam — porque tinham no coração a mortalha das esperanças a que ainda lançavam mão para flutuar — pressentiam que teriam de ser um povo agrário, de patrões e jornaleiros, homens escravos da terra que procuravam e da qual não sabiam libertar-se. Pois não ia continuar tudo como dantes? Que havia mudado, ou ia mudar? No dia seguinte tinham de estar ali, ao alvor, novamente com braços feros. E todos os dias assim, pelo túnel dos anos, através de gerações e gerações, se queriam o caldo para aquecer a barriga. Máquinas? Técnicas? Progresso? Onde vem isso, ó gentes! No fim do mundo. Se tais falácias viessem não seriam para eles, jornaleiros, que não podiam,

que nunca puderam com um gato pelo rabo. Para quê alimentar parvoeiras?

Beberam mais uns goles para afogar os pensamentos. Necessitavam dos míseros dez reis de esperança, viessem donde viessem.

O último cigarro trouxe-lhes nova consolação. Oxalá não faltasse a saúde e as jornas e os anos não virassem ruínas. E o mais... bah!

O cavador preocupado regressou ao seu fantasma. Se descobrisse quem lhe abocanhava o nome!... O rapaz tornou a pensar na carta de chamada da Venezuela, onde o irmão estava bem e formava pé de meia.

O outro companheiro deixou de sonhar com o arrendamento de muitas leiras. Se conseguisse uma e pudesse aguentá-la, agenciando por fora umas jornas!... A moça reparava no doutor, que a fitava com redobrada atenção.

Terminara a ceia. O pessoal levantou-se da mesa e ficou um instante a discorrer acerca do trabalho do dia seguinte. Alguém queixou-se de incómodo numa vista, açoitada por uns grãos de terra que nela se haviam alojado, avermelhando-a. Ofereceu-se um trabalhador para curar o dano. Bastava meter no olho incomodado aquela pedra argueireira.

A pedra surgiu na ponta de dois dedos negros, extraída de uma velha caixa de pomada com forro de papel.

Era só introduzi-la sob a pálpebra e baixar a cabeça sobre um papel branco. Rindo, o doutor ofereceu o jornal que tinha na mão. O homem introduziu imediatamente a pedra e ficou à espera. Os circunstantes esperaram também, divertidos. Sairiam os ciscos?

Cruzaram-se opiniões. O doutor sorria giocondianamente.

— Vão ver que saem! — garantiu o dono da pedra. — Esta argueireira já limpou uma vista à Rosária, que andou, sem proveito, pelos médicos. O que talvez acontecesse era

demorar um quarto de hora, ou mais, a dar a volta completa ao globo ocular, mas limpá-lo isso limpava!

Ao longe, na noite virgem de ruídos, ouviu-se o apito de um comboio e o deslizar rápido das ferragens sobre as linhas. Todos resolveram ir à deita, pois a hora ia tardada. Ajeitaram os casacos sobre os ombros e desandaram em busca das enxergas com as companheiras, talvez com os filhos, deixando na cozinha do patrão o jornaleiro à espera de sentir cair no papel os ciscos renitentes.

bibRIA

C Uma claridade lívida estendera-se pelo circuito diurno das horas afogando-o em sombras espectrais e, sem transição, a noite envolveu todas as coisas à vista de relógios que anunciavam o sol e de galos que, nas capoeiras, se aconchegavam, vigilantes e tristonhos. Do céu manava chuva ininterrupta, alagadora, asfixiante. A chuva humedecia o ar, as paredes interiores das casas, as roupas coladas à pele, o limo desesperante das próprias ideias. Já não havia mais mudas de roupa seca, mais lenha seca, um poro seco franqueado ao vento e ao lume. Ao cérebro acudiram, inevitáveis, ideias sinistras que ficavam, liquefeitas, à deriva, no caos brumoso das sombras que subiam dos ângulos e se infiltravam, peganhentas, nas ideias. O ânimo encharcado bulia à aproximação de tragédias pressentidas, de provocações iminentes, de expectativas angustiosas e mantinha-se doridamente alerta durante os dias diluvianos.

Retidas nos casinhotos pobres, as gentes passaram mal aqueles dias tempestuosos. Os ânimos amoleciam como plantas de raízes dessoradas, sob o destempero prolongado dos excessos pluviais, à vista do céu baixo que não se abria na mínima promessa. Algumas pessoas que liam o jornal na locanda falaram do ano agrícola perdido, de cidades inundadas, de prédios e terrenos desmoronados, fieiras de ne-

gras desgraças que acentuavam ainda mais os vincos nas caras exangues. Os poços deitavam água pela borda e nos baixios formavam-se lagoas barrentas onde os garotos brincavam, improvisando barcos.

Ninguém podia ultrapassar a porta do pátio e aventar uma enxadada na terra desfeita em lama, acudir às sementeiras. Pouca coisa podiam fazer: calafetar melhor o telhado e praguejar, enquanto esperavam que secasse a maldição das nuvens. As bâtegas escorriam pela telha vã, tumultavam por córregos e valados, cantavam ameaças nas correntes imprevisitas por vales e campos. As pessoas sentiam-nas desabar nas próprias espáduas e cercá-las como um calafrio progressivo, envolvente. Mas as epidermes estavam mornas apesar de submersas nos borrões espessos das sombras sonolentas que enchiam as casas. Várias vezes os garotos suspendiam gestos absortos para olhar medrosamente as sombras que subiam, pressagas, dos cantos, esquecendo entre mãos bolos de terra amassada.

O cinzento da tarde dava lugar à negridão de uma noite de bréu. Os homens acabavam por querer evadir-se das paredes domésticas, respirar outra atmosfera, saber que outros homens continuavam vivos. Conversar e animarem-se, abrir uma lura naqueles dias malditos que eram mesmo doentios para uma pessoa, carago! Pois toca a ir até à loja. Dar um bocado à taramela, pois claro...

E para as mulheres, num vozeirão forte:

— Não há precisão de comida! Não tardo.

A conhecida escusa de cada noite aquela do «não tardo». A taberna retinha-os com a magia de uma espécie de fraternidade para além do que confessavam.

Na rua a beata acesa semelhava o farol de um barco sulcando o grande oceano da escuridão. Não se descortinava absolutamente nada um palmo que fosse à frente do nariz, sob o guarda-chuva vergastado. Ah tempo de uma figa! Mas parado não se faz viagem: para diante é que é o caminho,

cortando a direito, atascando as botifarras na lama, afundando-as de repente nas poças de água.

Outros vultos caminhavam em idêntico sentido, irreconhecíveis nos capotes de golas erguidas, debaixo das copas dos guarda-chuvas. Cruzavam-se saudações de vulto para vulto e, ouvidas sob o rufar obsessivo da chuva, as palavras continham o sinal de reanimar. Os homens ouviam-nas, reconfortados pela certeza de viverem ao alcance de outros homens, numa povoação solidária. Um princípio de alegria enxuta ficou a tremular no vácuo dos peitos.

— Então, vamos à loja?

— Pois, até à loja!

— Eh compadre, o dianho da chuva até lava a alma aos homens!

— Andam os tempos malucos, compadre! As colheitas perdidas... Mau ano. Bom só para correr o cinto e jogar às cartas!

— Até os cães já bebem de pé!

— Será por causa das bombas atômicas?

Chegavam ensopados à taberna regorgitante de clientela, de fumo, humidade, ruído. Abriam passagem até ao balcão. Alargavam os cotovelos, brandiam um braço:

— Julião, traz meio litro!

Esvaziada a caneca, demoravam-se a olhar para os lados. Todas as mesas e tripeças ocupadas por jogadores briosos e grupos de assistentes, sentados ou de pé. Impossível jogar às cartas, era evidente. Raio de sorte! Que iriam fazer?

Ali estavam o Tamanqueiro e o Cruz a trocar miradas odientas no meio da indiferença geral. Toda a gente sabia daqueles ódios desde um falado pleito por via da violação de uns limites de propriedade que nunca chegou a provar-se judicialmente. Ferraz, canteiro-santeiro autor dos ídolos das capelas e das lápidas toscas que identificavam os covais no cemitério, destilava venenos pela boca desdentada:

— Eh eh eh! Conheço homens que não são capazes de

arrumar a soco, à facada, como deve ser, as suas malque-
renças. Parecem cobardes, os sacanas... Eh eh eh!

Piscou os olhos debruados de bolsinhas moles desenhando-se em semilúneo e tornou a rir em casquinada provocante, chicote de nervos consumidos em vigília. Apoiava-se nas pernas trementes e na bengala, seguro da sua impunidade.

Ali estavam o Aniceto, o Casais barbeiro e o Veiga boticário, de sociedade como habitualmente. Merecera alcunha a sociedade inseparável: chamavam-lhes Os Três da Vida Airada — Cocó, Ranheta e Facada. Ali estavam lavradores e jornaleiros, marchantes de gado e almocreves acotovelando-se à luz mortíça da lâmpada suspensa por cima do balcão.

Ali estavam o vagabundo semilouco conhecido por Setestrelo e a Maria Coxa peixeira, sentados a um canto, ao lado da canastra de pescado, intacto por culpa das chuvas, que apodrecia agora sob os oleados, ao mesmo tempo que as suas pernas cobertas de andrajos. Um fedor a álcool, a vômito e a carne decomposta empestava o ambiente. Conversavam os dois e ouvia-se o Setestrelo, com voz sumida de criança grande, a repetir:

— Duas sardinhinhas assadas, só duas, e tínhamos a ceia garantida! Queres?

— Mas eu não vendi nada hoje, o povo não come quando não trabalha...

Alguém grita:

— Mas que porcaria é esta? Isto cheira pior do que uma estrumeira! Ó Julião, manda pôr esta canastra perfumada lá fora!

Outra voz:

— E também as pernas podres da Coxa!

— Estas pernas estão mais sãs que as da tua mulher, meu filho da mãe! Ainda agora as desinfectei com cinco tostões de cachaça, pra que saibas! A minha canastra até se pode lambar e este peixe está fresquinho a saltar!

Irada, Maria Coxa retirara a coberta de oleado e exhibia nos dedos grossos uns carapaus e um pequeno polvo. A assistência voltou-se para ela e até os jogadores atrasaram a cartada. Ela batia violentamente com o polvo no balcão e grãos de sal e partículas de ventosa voavam em todas as direcções.

— Ui! Pescado há oito dias! — ganiram todos, unânimes, apertando os narizes.

— Fora daqui, ti Coxa! Ponha a canastra no pátio! — ordenou o taberneiro.

— Lá se vão as minhas duas sardinhinhas da ceia e eu cheio de fome, ora gaita! — lamentou-se o vagabundo.

— Tens fome, Setestrelo? — perguntou-lhe um dos Três da Vida Airada.

— Tenho.

— Então espera que nós vamos dar-te uma sande! Pois não vamos, rapazes?

Os outros dois riram, incrédulos, mas segredos na orelha de cada um esclareceram a intenção. Explodiram gargalhadas.

— Ah ah ah! Seria uma partida de estalo! Irra!...

Houve quem passasse os dedos pelos olhos húmidos de riso.

— Que vão dar-lhe? — indagou o Ferraz que, do seu canto, não compreendera.

— Meia pada de pão e, dentro, a fingir de carne...

Um riso de epiléptico sacudiu o Ferraz, agitando-o sobre as pernas trôpegas e desengonçadas. O queixo pontiagudo emergiu, agressivo e felino, debaixo da boca hiente que lhe comeu de repente a cara no acesso da hilaridade. Com a emoção, a fraca resistência das pernas esvaiu-se-lhe e ele tombou desamparadamente no solo. Quando o levantaram, ainda o riso lhe fendia a cara.

— Boa piada, não há dúvida. Bem feita! Bem feita!

— Vamos lá preparar o pitéu para o pátio!

As gargalhadas do Ferraz misturavam-se com as gargalhadas gerais mas soavam diferentes, como desafio sibilino a todos os ventos. Eram parvos e estúpidos aqueles tipos, sem excepção, no fim de contas! Ele, na sua debilidade, podia insultá-los, ludibriá-los, escarnecê-los, quase cuspir-lhes na cara, controlando-lhes sempre as reacções. Quem iria castigar um homem esperto mas inválido e já velho como ele, que até se ia abaixo das pernas nos acessos de riso e muitas vezes erguiam samaritanamente do chão da rua?

E o Ferraz, de olho alerta, agradeceu a quem o repusera, por favor, de pé.

— Obrigado, ó Cruz!

— De nada.

— Vai um copo?

— Bem, se quer oferecer...

— Eh Julião, atende meio litro!

Voltou-se e mudou de tom. A voz saiu-lhe equívoca, melíflua:

— E esse pavio do Tamanqueiro, ainda tem azeite? — Pressentiu um baque no outro e corrigiu-se: — Bem, isso é lá contigo, meu rapaz! Mas olha que, se eu tivesse esses punhos fortes que tu tens, não deixava a memória do teu pai agravada e as trombas dele por coser, ah isso não! Mas bebe lá esse copo. Talvez não saibas...

De chofre o outro despertou. Susteve no ar o copo vazio.

— O quê, ti Ferraz?

— Queres saber? Bem, chega-te para cá. Vocês odeiam-se mas não entram em zaragatas. Ele sabe que não entras porque não te provocava a tal ponto, davas-lhe porrada até mais não. Mas bebe lá esse copo, homem, que está cheio já há bocado! Bem se vê que tens mais coragem do que ele. E como não podia contigo de homem para homem, estudou outra maneira de se vingar. Sabes como? Não sabes? Nem adivinhas? Oh Cruz, isso nem parece teu! Vê lá se descobres

as manhas do ladrão! Sim, ladrão, porque eu bem sei dos metros que ele te papou na melhor propriedade!

O outro estava colado a ele, ofegante.

— Diga-me o que é que esse malandro anda a tramar contra mim, diga-me!

— Espera. Eu não queria dizer-te, não quero trapalhadas com ninguém. Enfim, vá lá, sou teu amigo... Já o fui também do teu falecido pai... Mas isto não se pode ouvir sem um copo. Bebe!

— Agora diga-me, ti Ferraz. Eu racho-o!

— Pois ele anda agora à cata é da tua mulher...

— Ah?!

— Pois, à cata da tua mulher, sim senhor, procurando-a nas terras e nos caminhos, fazendo-lhe o namoro pouco a pouco, o vilão!

— Como pode dizer uma coisa assim, ti Ferraz? Como?! Não vê que...

— Vejo sim senhor. Vi que ele se pôs ao lado do teu pousio, no Corgo, perto da fonte, há dias, observando a tua cachopa até que ela ceifou a erva do carrego, atou-o e, quando quis que a ajudassem, não havia ninguém por ali, nem na fonte. E ele então vai e caminha para ela e oferece-se para a ajudar...

Uma surpresa, um gemido:

— Ah!...

— Espera! E estiveram os dois a conversar um bocadinho...

— Isso é verdade?

— É, pela minha sorte!

— Ah bandalho, que vais pagar-mas ainda hoje!

— O que é?

— Bandido!

Caiu o primeiro soco, depois outro e outro. Dois corpos agrediam-se ferozmente no soalho duro da taberna, contidos num círculo de pés curiosos. O tumultuar de paixões bravias soando de encontro às arcadas do peito, os músculos

retesados na volúpia da vingança infligida em carne culpada, os esforços por se libertar uma garganta, um braço, uma perna da violenta tenaz justiceira, os ruídos surdos das agressões mútuas na pressão da refrega. De repente, no ar, a curva rápida de sólida tripeça caindo uma, duas, três vezes sobre a cabeça inerme do contendor subjugado na força dos joelhos. Um deflagar sinistro. O sangue a esparrinhar-se brutalmente por tábuas e pernas em círculo, inteiriçadas de medo. A tripeça abandonada no chão, empastada de massa sangrenta. E, finalmente, um suspiro.

Um suspiro brando como o desabar da chuva noturna.

bibRIA

des são recebidos pelo padre, a ilharia da cabana. Em re-
compensa dá-lhes a partida mas do boneco-Menino.
Textos laboriosamente decorados durante longos séculos de
inverno começam a ser declamados com vozes fortes, tea-
trais. Ouve-se uma voz de criança soltar uns versos
à medida que se vê uma menina encetar, com pernas rasas
de anjo pregadas nas costas, no cimo de um carro de bois,
com o contraponto de uma claudet de roldanas movidas
a manivela e breves harpejos de um violino. As asas
enlaçam as costas da menina tremam com ela, dir-se-ia que
ansiam por voar para longe do adro estático em busca
de regiões mais quentes e acolhedoras...

Por detrás deste carro, alongando-se em fila indiana
pela rua que desemboca no adro, outros carros de bois,
engalanados, com ostentação de ginetes artísticos e a ins-

Dia de Reis. No adro da aldeia, varrido pela nortada de
Janeiro, um friso de gente simples tenta, com falsa alegria,
acalantar esperanças roxas, desejando comover-se com al-
guma coisa diversa do seu fado irredimido.

Rodeia, no centro do adro, a cena idealizada por Fran-
cisco de Assis. É gente com expressões toscas mas gran-
diosas de humildade que contempla a cabana com palhas
onde um boneco de papelão representa o Menino.

Os três Reis Magos chegam guiados pela estrela de lata
que cintila no topo da haste empunhada por um rapaz.
Vêm magníficos sobre corcéis ajaezados a primor, com
mantos de cetim esvoaçando nos ombros ao vento frio e
coroas de cartão bem enterradas nas cabeças majestáticas,
acolitados por moços palafreiros solenes que nem minis-
tros. As cores garridas põem notas de espalhafato obsceno
no adro, atestando a impressão de que se trata de uma
mascarada vil para ofuscar e ridicularizar os fatos terrosos
e os xailes negros dos aldeões.

E os três Reis Magos, cada um por seu turno, baixam
a espada de pau em preito de vassalagem palaciana e juram
veneração ao Menino, a quem trazem presentes. Os presen-

tes são recebidos pelo padre, à ilharga da cabana. Em recompensa dá-lhes a beijar a barriga nua do boneco-Menino. Textos laboriosamente decorados durante longos serões de Inverno começam a ser declamados com vozes fortes, teatrais. Ouve-se uma vozita de criança soletrar uns versos à medida que se vê uma menina emergir, com brancas asas de anjo pregadas nas costas, no cimo de um carro de bois, com o contraponto de uma chiadeira de roldanas movidas a manivela e breves harpejos de um violino. As asas que enfeitam as costas da menina tremem com ela, dir-se-ia que anseiam por voar para longe do adro estático em busca de regiões mais quentes e acolhedoras...

Por detrás deste carro, alongando-se em fila indiana pela rua que desemboca no adro, outros carros de bois, engalanados, com oferendas de géneros agrícolas e a inesgotável credulidade de quem precisa de crer. E, na orla do adro e da rua, namorando um réstia de sol tísico, vendedeiras de tremoços, figos secos, cavacas...

De súbito, um dos cavalos rompe a solenidade da cena. Um coice desferido contra um dos imponentes palafreiros obriga o alvejado a abandonar a pose para saltar, lesto, e esquivar-se ao golpe.

Um agricultor idoso conhecido pelas suas convicções ateias, que gozava o espectáculo com risos voltaireanos, não se conteve e opinou, alto:

— Aquele é o único animal que insiste aqui em ser o que é!

A camioneta parou à beira do largo. Baixado o taipal, correu a onda juvenil atrás dos quatro elementos que faziam a música. Uma bandeira de seda ostentava a inscrição: «Rancho Foclórico de Mac...» As letras restantes perdiam-se nas dobras.

Logo que soaram os primeiros compassos, raparigas de lenços coloridos na cabeça e lábios carminados, com camé-las brancas e vermelhas nos cabelos, e rapazes de calça justa avançaram para o meio do terreiro sob os olhares apreciativos da multidão, em roda.

Fevereiro puxava pela Primavera, na volúpia de antecipar o futuro. As giestas debruçavam sobre as estradas uma cascata oirescente de florinhas amarelas e a lama aldeã aparecia misericordiosamente pintada de arco-íris. Os lenços garridos das raparigas, às voltas e contravoltas de braços no ar, eram outros pedaços de arco-íris para quem faz Carnaval ao domingo e geme durante a semana sob o peso de uma existência cativa. Eram chispas de luz que saltavam a barreira dos dias, inflamando à distância o humilde Entrudo dos aldeões no cenário dos campos.

Dois assistentes entram em diálogo:

— Isto agora não são ranchos nem são nada! Ver um é ver outro... Eh compadre, que saudades das nossas cegadas de antigamente!

— Sim, as cegadas... Eram uma folia, com muito sal e muita pimenta. Por isso mesmo é que estão a desaparecer por completo...

— Nem admira! Não se pode criticar nada, não se pode criticar ninguém. E tudo acaba por ser uma crítica, tudo acaba por se relacionar com política e religião...

— Pois é! Uma tristeza...

Dois garotos disputavam um lugar vago no cimo de um muro:

— Levas uma lapada que até te enroscas!

— Ah ah! Isso era bom de ver...

— Levas mesmo!

— Ai que prosa, filho!...

Uma moça de lenço garrido na cabeça pedia à assistência, de boina surrada nas mãos, uns tostões de ajuda para custear as despesas do rancho. Um agricultor idoso, de olho brejeiro, responde-lhe:

— Não tenho nem cheta, cachopa! Estas calças remendadas nem bolsos têm... Mas se pedisses para ti, ainda se arranjava qualquer coisinha, que bem o mereces...!

— Dê-o à sua mulher! Se precisasse de me coçar, arranjava um pinheiro de boa madeira e casca rija, não um pau mole e carunchoso como você!

— Ah magana, nem imaginas quanto tinhas de te coçar para me comeres todo o cerne que estas gelhas escondem! A minha patroa, coitada, bem merecia que a ajudasses...

De nada serviram preces e blasfêmias, súplicas, imprecações. A chuva continuou a cair dia após dia, noite após noite, durante as vigílias, os sonos e as insônias. E de repente foi um tremendo dilúvio, que o vento ciclônico acompanhou para transformar cada corda de chuva num flagelo. Todos os baixios aldeãos se cobriram de lençóis de água barrenta, homicidas como tentáculos monstruosos. Certas colinas ensopadas emergiam na zona do desastre ao modo de castelos sitiados num ambiente de guerra indescritível. A água encheu todos os buracos, todas as poças, que ficaram a olhar o céu esventrado como pupilas vazias de adolescente sacrificado às Fúrias. Os vales tornaram-se leitos de enxurradas impetuosas, que tudo cilindraram com a indiferença de uma força da natureza. Casas desmoronaram-se ou ficaram inundadas até ao telhado, árvores foram arrancadas pela raiz ou cortadas pela força bruta, campos cultivados desapareceram por completo varridos pelo sopro da gigantesca devastação. O ribeirão tornou-se rio tempestuoso onde tumultuaram cadáveres de cães e gatos, de lebres e sapos, bois, galinhas e pessoas, ao lado de ramos de

árvore, feixes de palha, madeiros, cepas, portas e móveis domésticos, entre oceanos de imundícies.

Por fim, o céu, exausto, abriu-se e foi possível avaliar a extensão dos estragos. Uma vasta superfície líquida brilhava, quieta, à luz do dia, submergindo terra antes seca. As árvores erguiam parte dos ramos, negros e sem folhas, sobre a água. Recortavam-se com uma nitidez dolorosa, de espanto, como se fossem silhuetas traçadas a tinta-da-china sobre papel branco e não árvores de verdade. Filigranas delicadíssimas de troncos e ramos hirtos, completamente desprovidos de pássaros, reproduziam-se na superfície espelhante e secavam ao sol com tufos, não de verdura, mas de flocos pardos de lodo. As enxurradas, que haviam arrancado toda a folhagem, depositaram esses flocos nas árvores, desde os ramos mais baixos, mergulhados na água, até aos mais altos, como se isso pudesse vestir-lhes a patética nudez...

O cataclismo tornou-se um caso sensacional. Apareceram jornalistas, que levaram para a cidade os lamentos dos aldeões, imagens de dor. Era o familiar desaparecido, o gado morto, as moradias desfeitas, as culturas perdidas, as melhores terras arrasadas, confundidas. Como iria ser possível reconstituir, sem orientações e quase às cegas, a traça primitiva da paisagem dos minifúndios verdejantes naquela convulsionada terra-de-ninguém? Estas reportagens dramáticas, com gravuras pungentes e manchetes sugestivas, agradaram imenso aos leitores citadinos dos jornais, que vinham queixando-se desde há tempo que os produtos agrícolas estavam a encarecer demasiado. Os repórteres da rádio gravaram também as palavras de um ancião sobrevivente, que afirmou nunca ter visto tanta chuva na sua longa vida. Por seu turno, os operadores das actualidades cinematográficas interessaram-se por filmar uma inovação do rapazio: marinheiros improvisados, navegavam por ruas e campos submersos em gamelas que serviam para amassar

o pão de outros dias menos infelizes. A tragédia tornava-se o pano de fundo destas imagens, estabelecendo-se uma espécie de contraponto. Passou um poeta, que viu da janela do seu comboio as marcas do prodígio pluvial nas enormes bacias de água e pensou — porque estava em maré de inspiração — numa dada imagem para ilustrar um verso. E quando os semanários da região já aproveitavam o mote para remoar sobre a grave crise que sufocava a agricultura nacional, ainda e sempre exposta a todas as inclemências meteorológicas, passou pela localidade um fotógrafo amador.

Duas fotografias que lá fez valeram-lhe, da mesma assentada, dois primeiros prémios há muito ambicionados. Na primeira, da categoria *Retrato*, via-se um ancião de cabelos alvos, tristíssimo, de olhos inchados e barba grossa, diante de velhas paredes desmoronadas. Deu-lhe um título feliz: «Tragédia». A segunda fotografia, da categoria *Paisagem*, intitulou-a «Inundação». Como resultava bela, aí, a água amontoadá sobre os campos antes secos reflectindo as delicadas filigranas do arvoredo vestido com pedaços de lodo, em jogos de luz e sombra numa atmosfera translúcida tão doce que mais parecia irreal!

E ainda haverá quem se atreva a afirmar que o campo não fornece bons temas culturais?

bibRIA

e

Passo a passo comecei a gostar da aventura. A terra solta do carril pulava para os sapatos, introduzia-se nas peúgas e começava a inquietar-me os pés, mas aquilo estava a ganhar atractivos. Uma forte sensação de liberdade adâmica, de regresso à nudez natural, tornava-me tão simplesmente feliz que se me esvaíam da memória, quais resíduos velhos, noções de propriedade e outras noções. Era senhor de quanto desejasse e não era senhor de mim...

Depois, no ar livre, os pulmões distenderam-se e começou a aliviar-se-me o peito oprimido de ansiedade e espera. Opressão principalmente pela luta na qual a consciência entrara já derrotada.

Levantei os olhos da terra agora calcada pelos meus pés resolutos e fitei os companheiros. O Alberto ia um passo adiante e à frente dele, abrindo passagem, ia a rapariga cujo nome ainda não tivera ocasião de conhecer (nem teria, talvez).

Deixei-os distanciar.

Quando passaram além da curva do carril que rabiava monte acima para se engolfar na espessura do pinhal, estaquei e olhei, contente, em volta. Lá para a retaguarda, encobrendo-se por detrás dos pinheiros, divisei uma nesga da aldeia. Algures um cão ladrava ao silêncio. Será por isto que

comparam os cães aos poetas? Quis orientar-me e devassei a topografia mesquinha. Um espaço calvo, lá em baixo, e o frondoso sobreiro bandeiravam o sítio da taberna onde eu e o Alberto esperámos *o momento*, gargalhando o mais possível a cada facécia do Sebastião. Eram facécias soezes, mas o taberneiro nunca tivera outras. Mesmo assim rir-me-ia, ainda que o Alberto não me pedisse, de olhar súplice, para fazer coro com eles. Que espécie de amizade ou de relações uniam o meu amigo àquele homem boçal?

Recordei o queixo esfomeado e negrusco do taberneiro a mover-se no fundo da tasca e revivi o seu piscar de olhos significativo de quando fomos à casa donde saímos acompanhados por aquela rapariga.

— Seus badamecos!

Foi tudo tão fácil, tão natural!... Aquela rapariga iria connosco, pinhal adentro, até ao sítio. Era a moça do Alberto. A outra, destinada a mim, apareceria lá. Fora um garoto chamá-la a casa e eu vira-a na taberna. «É ela.» Olhámo-nos. Tudo fácil. As próprias pessoas da aldeia que nos viram, carril adiante, a entrar no pinhal, saudaram de cabeça baixa e não viraram a cabeça para trás nem sorriram dubiamente como quando adrega aparecer nos passeios citadinos um homem idoso dando o braço a uma jovem. Tudo natural, sem surpresas ou rebates de consciência.

Sim, ali estava uma bela tande. Aproveitá-la-ia! Ah, os preconceitos, as convenções... uma bambochata! Convenções tolas de sociedade hipócrita que apenas sabe camuflar o parece-mal com o verniz do decoro e repara depois que não pode respeitar os ditames impostos a si mesma e vê, demasiado tarde, que a pureza original das coisas mais simples e naturais se perdeu nos meandros dos véus pudicos. (Ah, o gosto de repetir estas velhíssimas palavras!...)

Devia agradecer ao Alberto por me ter espremido os pruridos de falsos escrúpulos. Enfim, fiz bem em aceitar o seu inesperado convite. Se não fosse ele estaria agora à

mesa do café da vila a entediar-me, no exactíssimo lugar de todos os dias — estes poucos dias que vim passar a convite do meu amigo.

A vila era sensaborona, sobretudo neste período de férias. Não consegui gostar do campo nem da vilória, nem do Alberto nem de nada. Tinha-o detestado a partir do momento em que me abraçou, com excessiva efusão, à saída do comboio e antipatizara com a sua pele flácida, enrugada e espinhosa num rosto magro e afiado de canalha.

Recebi uma impressão desagradável. Pareceu-me envelhecido e fiquei indisposto desde então. Mal vislumbrava nele o Berto um pouco ingénuo dos tempos do seminário vendo a sua cara agora enevoadada por uma expressão de chumbo. Mudança esta, aliás, que já sentira noutros condiscípulos e que acabei por atribuir aos insanos ares da época... convencido, com Balzac, que toda a gente é responsável pelo seu rosto a partir dos trinta-quarenta anos.

Andava, por isso, verdadeiramente ansioso pelo termo daquela semana, a fim de regressar à cidade, ao meu tranquilo quarto de estudante solitário. Receava que Alberto (agora que principiava a conhecê-lo) me houvesse convidado para aquela estada no campo só porque o nome do antigo condiscípulo andava em revistas literárias e na capa de dois falados livros de versos. Não se cansava de me passear pelas salas, mostrando-me ao seu lado e apontando-me à admiração da vila como um animal esquisito. Comecei a decorar o discurso que ele repetia tantas vezes:

— É preciso ser-se manhoso, menino! O mundo é um imenso palco com actores animados pelo dinamismo dos interesses! Ai dos que não afivelam a máscara e rejeitam o proveito das circunstâncias!

Dizia isto com uma convicção pavorosa.

E eu já premeditava os interesses egoístas, de politiqueiro, que lhe trazia a minha visita. Compreendia-o melhor.

Lembro o sorriso babado, torpe, com que ele acompanhou a leitura da notícia aparecida na *Gazeta* local: «Visita Ilustre. Tivemos a subida honra de receber a visita do jovem e muito promissor artista e formoso poeta Sr. José Eduardo Faria, que se demorará entre nós apenas oito dias, segundo nos informou o comum amigo Sr. Alberto Alves, digno funcionário da Exma Câmara, em casa de quem o ilustre visitante está instalado. A este apresentamos o nosso cartão de boas-vindas e cordiais cumprimentos»...

Via-lhe os óculos faíscarem na minha direcção, ouvia-lhe os elogios gordos acompanhados em surdina pelos outros, os meneios civis dos outros... Não me deixavam um momento a sós para restabelecer o diálogo íntimo. E ainda os pedidos convencionais, sorridentes como manda a etiqueta, de recitar poesias.

— Sabe? Gosto muito de poesia!

— Gostamos muito da poesia moderna!

Diziam-no como se dissessem: «Gosto muito de bacalhau à Gomes-de-Sá!» Ou: «Gosto muito de vísceras de formiga azul com capela!»

Enfastiava-me. Tanta mentira, estupidez, mediocridade! Quase no fim de uma semana, que desejei dedicada a ocupações bem diversas, era um cadáver: já não me ouvia, ouvia os outros. Vozes amorfas...

Em tais condições achei agradável a ideia de um passeio pelos arredores que o Alberto apresentou logo que tomámos os cafés e os alcoóis e olhámos uma para o outro. Acima de tudo havia a enorme necessidade de sair dali, de libertar-me. Se demorasse apareceria outro ajudante das Finanças a mostrar, titubeante, de caderno nas mãos suadas, as suas quadras elementares e a pedir que lhe explicasse os poemas modernos... Quadras! E, sendo quadras, teria de ouvir: «A poesia é o meu violino d'Ingres»...

Apoiei a ideia e fomos rua abaixo. A tarde estava quente e a veia negra do alcatrão da estrada absorvia o sol. Tirámos os casacos, afrouxámos o laço das gravatas e pros-

seguimos, indolentemente, aconchegados à sombra dos plátanos e das casas. Por fim as casas cessaram e saímos da povoação.

O Alberto ia a falar. Eu não entendia de quê. Pensava, atordoado, no que seria uma alegria perplexa. Mas o Alberto agitava o braço e, pela intonação razoável e persuasiva das falas, percebi que solicitava a minha opinião que, no caso, seria a minha anuência. De súbito virou-se para mim, parou:

— Nestas condições diz-me, Zé Eduardo, como poderia manter-me fiel à minha esposa?

Parei também e busquei-lhe as pupilas esquivas. Aquilo dizia muito. Era então verdade o que pressentira na atmosfera familiar da casa, nos olhos aguados de D. Helena?

Entendeu o meu mutismo como uma acusação silenciosa e começou de repente a arremessar frases desconexas que eu ouvia couraçado de indiferença, divertido com a sua gesticulação contrariada.

— O nosso mal, o mal de todos os casamentos é o homem ter uma ideia errada da mulher! — acabou por exclamar peremptoriamente. — Pensamos que todas as mulheres têm seios de espuma e ancas harmoniosas (pois não é assim que as vemos em estátuas, em pinturas, no cinema, nas gravuras das revistas?), que são relicários de virtudes, que não envelhecem, que isto e mais aquilo. No fim acabamos desiludidos. Elas são quase sempre mais desejáveis vestidas do que nuas. Também, se não fosse assim, até imagino que andariam em pelote... Os seios julgámo-los perfeitos e são de lama. As ancas julgámo-las delineadas como as das estátuas e são inestéticas. E o carácter da companheira... Oh meu amigo, quantas desilusões! E depois não há-de compreender-se que um homem deixe uma mulher para procurar outra, que esperançadamente julgará capaz de trazer a satisfação ao seu sonho...

Era admirável o Alberto, apesar de reconhecer aquelas frases em qualquer livro velho. Mas queria manifestar-lhe

quanto antes a minha nenhuma vontade de discordar, além de que olvidara por completo D. Helena, o seu direito à posse legal do sexo do marido. Recordava as tropelias que eu mesmo praticava apesar de todos os complexos.

Fitei atentamente o meu amigo. Adivinharia as minhas misérias, conheceria as minhas porcarias?

Ficámos ambos enleados, imóveis na estrada deserta. Senti que devia dizer qualquer coisa:

— Sim, tens razão. O amor só é bom quando vivido em sonho ou quando tem um mínimo de liberdade.

Ia, ambíguo, de encontro ao seu pensamento. O Alberto tinha-me à mercê, eu estava perdido de mim. Mas um anjo rebelde e antigo erguia-se ainda, gritando tenuamente algures-em-mim-mesmo: «Tu, Alberto, és um miserável devasso, eu outro. Somos miseráveis na medida em que paramos a meio de uma ponte, tentando ser duplos, na medida em que não possuímos forças ou para conter ou para assumir completamente os nossos instintos, que uma educação errada situa contra nós, do lado oposto da pureza e da felicidade. Somos todos iguais, feitos de uma natureza em conflito. Tu, Alberto, és hipócrita porque mascaras os teus baixos apelos com falsos e por isso perigosos princípios de moralidade. Porque não tens coragem de ser o que és sem o arrimo de parvas teorias? És contra a gravata que usas porque ela te afoga o pescoço. A ti os princípios servem-te — eis a tua dimensão. Levas às costas, eu sei, um monte de complexos e taras acumuladas durante várias gerações cristãs e ocidentais. És um velho com trinta e cinco anos apenas, um perverso e um covarde. Eu sou covarde como tu porque não pude fugir ao demónio sedento que coexiste comigo e quer desvendar todos os gozos, todas as dores e angústias; covarde até aqui onde sei o móbil deste passeio e não te peço para retrocedermos.»

E estas palavras soavam dentro de mim como um espasmo que se me prolongava pelas cartilagens.

— Ainda bem que concordas comigo, meu caro Zé Eduardo! — guisalhou. — Justamente, o amor, o amor livre de peias e de vendas! Pois há lá coisa mais doce, mais bela e mais anti-preconceito? Lembro a tua corajosa luta contra os espartilhos sociais... Sabia que concordavas comigo...

Uma vontade selvagem de lhe apertar o gasganete e de o fazer calar. Quanta habilidade para deturpar o sentido do pensamento alheio! Mas falar... para quê? Deixar a corrente levar-me, já que tinha de ser levado pela corrente.

No entanto, ele prosseguiu, aliviado e prazenteiro, logo que enlaçou o seu braço no meu:

— Olha, temos tempo! Vou mostrar-te uma casa onde, precisamente, encontraremos do melhor amor: do livre, do que se vende. Vá lá, que dizes? Faremos uma rapioca de gosto consumado. Eu conheço. Que dizes, meu velho? Calha em caminho...

Uma palmadinha amistosa nos ombros. «És dos meus!» Sorri como receava de antemão e notei a chama alegre que lhe incendiara as pupilas frias.

Dali até à barraca do Sebastião foi um salto. A dada altura o Alberto puxou-me pelo braço:

— Repara, acolá vai o comboio das quatro e quarenta. Temos que apressar-nos, se não queremos tardar em casa para o jantar.

Depois... a taberna, as piadas sujas, a minha deliberação de concordar com eles e de rir, já que era igual a eles.

A certa altura levou-me para um canto e sussurrou-me ao ouvido:

— Este homem, o Sebastião, tem governado aqui um vidão! São raparigas do campo, autênticas camponesas! Coisa sadia, anh?, diferente das galdérias lá da tua cidade. Ele arranja, para se pagar dos fiados. E fica sabendo, tão boas moças que até o juiz cá vem. E o dr. Queirós tem cá uma amásia. E o...

Tranquei o ouvido. Era aquele, bem à vista, o preço das instituições Casamento e Virgindade, o preço da miséria. Mas ouvi:

— Isto é a salvação da gente, fica sabendo, meu poeta! A terra não dá e, se não fosse *isto*, morria-se aqui de fome...

Continuei a rir porque, felizmente, as piadas eram grossas e espessas, pesadas como eu. E continuei a ouvir, implacavelmente: «Isto é a salvação da gente.» «Um vidão!»

Sim, eu via, o Sebastião governava-se lindamente.

— Eh!

Voltei-me na direcção do brado.

Era o Alberto, com a moça, que volvia em minha busca. Eu ficara para trás, imóvel, a recordar.

Agitei um braço e desatei a correr, carril acima, ao encontro deles. O coração batia-me com força, descompassado.

— Eh!

O meu brado ecoou, pinhal fora, sumindo momentaneamente o vibrar solene das ramagens.

— Que ficaste a tramar, maroto? Olha que o Viso fica além, mais para cima. Então não vamos buscar *lenha*?

Beijaram-se, plenamente à vontade e, cúmplices, riram. Lembrei-me da moça que me esperava.

— Estive ali a tirar a terra dos sapatos!

Meti na boca um raminho com sabor a resina e a liberdade. Exclamei:

— Vamos!

...o cobrador piscava os olhos, mas as secretárias como
um duto quasi mudo e araga (com o arado e mais mud
...Passageiros a entrar, poucos ou nenhuns. O costume
Quase ninguém ia a cidade ou a vila, salvo para as aldeias
mais remotas que torcasse o lico ao passo com o melho
da terra, ou alguma demanda por questão de água, es
...f
...Estados Unidos da Venezuela. Em certos dias o autocarro
...o condutor, pedis desdobramento, eram
...os dias de festa...
...Os passageiros que se destinavam nestas terras incultas
...em áridos campos de cultivo seriam poucos. Constatam-se
...todos. O domista das terras-féas, o guarda-freio da corte

O autocarro da carreira buzinou na curva e deteve-se, envolto em pó, no largo dormiente da aldeia. Prenunciando dia tórrido, flutuava no ar uma ténue neblina que o sol matinal furava meigamente. O cobrador abriu a porta e saltou para a estrada.

— Bom dia, aí!

— Bom dia!

Por cima de dois fregueses postados à porta da loja pendia uma placa com as letras de «Paragem» muito bem retocadas. Alguns passageiros começaram a sair. Encomendas, pacotes de jornais e uma bicicleta desceram do tejadilho.

— Eh, ti Melhãs! Vai hoje até à cidade ver as moças?

O cobrador, muito convencido da sua graça, dirigia-se a um velhote que se apoiava a um fueiro ao modo de bengala. Perguntava-lhe invariavelmente aquilo todas as manhãs, no mesmo tom de galhofa brejeira. Talvez quisesse convencer os outros de que pensava muito em mulheres pois, entre outras coisas, procurava sentar-se ao lado das passageiras bonitas nos intervalos das paragens e contava aventuras havidas em Coimbra e Aveiro com senhoras a quem muitos anjinhos deste mundo tiravam o chapéu.

— Ahn, ti Melhãs?! Iamos visitar as tias...

E o cobrador piscava os olhos, ria às escâncaras como um bruto pueril.

Passageiros a entrar, poucos ou nenhuns. O costume. Quase ninguém ia à cidade ou à vila, salvo caso de doença mais reinadia que torcesse o bico ao prego com o médico da terra, ou alguma demanda por questão de águas, estremas ou partilhas, ou para cambiar cheque recebido dos Estados Unidos, da Venezuela. Em certos dias o autocarro apequenava-se e o condutor pedia desdobramento: eram os dias de feira.

Os passageiros que se detinham neste terra incrustada em ávidos campos de cultivo seriam poucos. Conheciam-se todos. O dentista das terças-feiras, o guarda-livros da cerâmica, a professora da escola local, o sr. Mateus com emprego na vila, os caixeiros-viajantes e comissionistas, os negociantes de produtos agrícolas — todos se tratavam pelo nome. Porém, desta vez vinha uma passageira desconhecida. Estudaram-na em vão, minuciosos como jogadores de xadrez debruçados sobre um problema.

O autocarro reiniciou a marcha, perseguido pelo rapazio que demandava a escola. A desconhecida deteve-se ante a rede de caminhos que se abriam a partir do largo. A elegância do seu porte chamava poderosamente a atenção naquele cenário rústico. Notou-o a empregadinha da farmácia, menina magra de grandes olhos celestes que lia profusas revistas femininas e ia espairecer longe as folgas quando os suspiros lhe descomandavam o coração. Chamou uma amiga que fora comprar cinquenta gramas de anilina para soalhos:

— Repara que elegância! Parece a esposa do dr. Trindade!

— Quem será?

Assentaram baterias em direcção da forasteira e ficaram, entre exclamações, a espiar-lhe indumentária e modos para acaso a imitarem. Uma aparição daquele género na pacata povoação era sensacional.

— Estás a ver o corte e a cor do casaco que combina tão bem com a bolsa de mão? Agora é assim que se usa...

— Que virá aqui fazer a dama? Com certeza não será cantora de alguma *troupe* de artistas para apalavrar a sua exibição no café do Tinoco...

— Credo, rapariga, vê-se logo que não é dessas!

Os fregueses da loja assomaram à porta, de pupilas filadas pela desconhecida como arpões apresando a baleia. Apoiados nas enxadas seguiam os movimentos da dama, trocando sorrisos de machos entendedores: «Eh, coiso! Aquilo sim, era uma boa febra cá para o meco! Trinta e cinco ou mais, talvez, mas, com a breca, bem conservada e apetitosa! Leva as lampas à patroa, olá!...»

A desconhecida via-se tornar foco das atenções simplórias do largo suspenso da sua aparição. Continuou inalterável. Entrou na mercearia do Quim Pereira. Decorridos momentos reapareceu ainda a premir, com gesto negligente de grande distinção, o fecho dourado da bolsinha. Depois olhou em torno, indecisa. Badalaram horas num tom brônzeo cuja sonoridade perdurou no ar lavado da manhã. O sol absorvia com delícia os derradeiros restos de rocio. Os fregueses tinham cessado os sorrisos equívocos e posto as enxadas sobre os ombros e já seguiam rua abaixo, apressados, em busca das leiras. A espiar a desconhecida ficou apenas a menina de olhos celestes e fundos suspiros, com a amiga e um cão vadio, dos que aparecem nas aldeias a farejar os forasteiros.

A desconhecida dirigiu-se para a farmácia. Lisonjeada com a visita, a menina atendeu-a num pasmo visceral. A pergunta da rotina «Que deseja?» ficou a pairar no silêncio nítido como eco das badaladas.

— Não desejava propriamente nada da farmácia, isto é...

Um sorriso polido desceu para os lábios rubros da senhora e lá ficou a adejar como pequena asa de luz. A menina suspirosa enleou-se em sorriso tão fino, em timbre

de voz tão aristocrático que lhe trazia notícias de mundos distantes por ela apenas pressentidos na solidão do agrô. — Vinha apenas apelar para a solidariedade dos seus sentimentos altruístas, humanitários, nesta cruzada de bem-fazer. Sou a directora do «Refúgio», um asilo de órfãos, conhece?, que vive exclusivamente da caridade particular...

O sorriso adelgaçou-se, expectante, os olhos moveram-se, significativos: *o óbolo*.

A menina gostaria de continuar a ouvir aquela voz alvicaireira de um mundo indescoberto, de prolongar a visita da desconhecida. Mas sentiu-se impelida e foi à gaveta, donde retirou uma esmola generosa. Entregou a nota na mão bem tratada.

— Em nome dos meus pobrezinhos contemplados, minha querida filha, e pelo seu magnânimo coração, bem haja!

A desconhecida saiu, premindo de novo a mole elegante bolsa com gesto retardado. Na farmácia ficou um perfume estonteante a ser comido pelo cheiro do fenol e da cânfora. A empregadinha pensou na nota que dera. Porque dera tanto? Talvez a oferta tivesse sido generosa demais. À noite o sr. doutor ia pôr-lhe amargos na boca. Seria capaz de lhe descontar aquele dinheiro do salário, o alma de pau. Mas aquele seu fraco pela cidade!... Forte coisa! Um dia entregara certa quantia a uma desconhecida que se apresentara como angaridora de assinaturas para uma revista da capital e jamais vira revista ou dinheiro. O sr. doutor descontara-lhe essa quantia, avisara a sua mãe, uma chatice! Parece que na cidade já escasseiam os incautos e por isso a gente de indústria se intromete com a província, presa mais fácil e desprevenida...

A voz da amiga arejou-lhe as ideias:

— Viste quem era? Directora de um Asilo!

A desconhecida bateu a todas as portas do lugar em ronda implacável. Diante de quase todas abriu a elegante

bolsa de fecho dourado para receber magros donativos. Por fim, chegou à Casa Alta. Depois de bater ao portão de ferro forjado e de dizer ao que ia, convidaram-na a entrar e a sentar-se à mesa. A dona de casa, com figura de camafeu velho, soube, num salão com móveis de estilo, que as dádivas importantes seriam anunciadas na *Gazeta das Beiras* ao lado do nome dos bondosos ofertantes, apesar de todo o risco de chocar a sua modéstia e pureza de sentimentos. Reagindo, a dona da casa dissertou com admirável convicção acerca da caridade, amor pelo próximo, necessidade de religião. Havia naquela terra famílias vivendo na sondidez e na miséria, como animais. Ela e o padre Martins quebravam a cabeça à procura do caminho cristão, e nada. Na aldeia os pobres estavam deveras habituados àquilo e seria até um pecado afidalgá-los, suavizar-lhes as agruras da existência, que tantas vezes fazem merecer o reino de Deus. Não se pode habituar mal a gente de baixa condição, insistia ela, sob pena de a pormos em pecado de soberba e até, quem sabe, contra quem lhes dá esmola... Devia-se era apontar-lhe constantemente o caminho de Deus, o exemplo da redenção de Cristo...

Foi na Casa Alta que a desconhecida demorou mais tempo e espargiu mais perfume. Mas, ao retirar-se, introduziu na bolsa um importante donativo.

A ronda continuou até chegar a ruelas orladas de milharaís. Bateu a portas baixas e carcomidas, diante das quais brincavam no pó crianças nuas de ventres disformes. Vieram mulheres de caras terrosas e mãos encardidas. Olhavam com receio a desconhecida, volteando nos dedos rudes uma ponta do avental de serapilheira. Enxotavam as galinhas e os suínos para longe, trancavam a porta e tornavam a ouvir sem compreender. Finalmente, pasmavam:

— Vejam só uma coisa destas! Até gente fina a pedir esmola! Só faltava quem não pedisse... Não eram agora apenas os mendigos, os lavradores arruinados ou os homens inválidos, pescadores murtoseiros ou ilhavos sem

companhas. Era só ver! Até gente fina!... Como podia a terra dar alimento a tanta boca?

E, condoídas, acrescentavam:

— Olhe, assim com'assim, dinheiro não temos. Só se forem batatas...

Todas diziam o mesmo. Ela desandou. Passos dados, retrocedeu:

— Mas arranja-se aí um saco onde meter as batatas e alguém que as leve ao adro para seguirem comigo na camioneta da carreira, logo à tarde?

As ruelas foram desaguar em pleno campo e as casas apareceram muito isoladas umas das outras.

A desconhecida enveredou por um caminho que conduzia a uma dessas casas de aspecto mais próspero. O sol descrevia no céu o resto da parábola e não faltaria muito para o regresso do autocarro da carreira. Devia aprontar-se para abalar.

Chamou à porta. Veio outra camponesa, com mais duas orelhas que ela teria que encher de explicações, palavreiro, até desencadear a resposta. Sentiu-se fatigada. Mas não podia queixar-se: a colheita, naquele dia, com muitas migalhas, resultava magnífica.

Explicou à camponesa, pacientemente, a solidariedade da sua missão e o que seria solidariedade em termos rústicos. Sem responder, a mulher chamou para dentro, num berro:

— Manel! Eh Manel!

Veio o homem. A desconhecida tornou a repetir as frases e o homem escutou-a atentamente. Observava fixamente a desconhecida como quem procura uma ideia que lhe foge.

— Se desse, fossem batatas, para auxiliar os desprotegidos da sorte!...

O homem, ausente, continuava a fitá-la com obstinação. A benemérita vacilou:

— Pois não ajuda a nossa Obra... com nada?

O homem acordou, finalmente, e desenhou no ar um gesto de ameaça. Reconhecia aquela cara, escutara boas histórias a seu respeito nas feiras dos arredores de Coimbra e por lá a conhecera. Desmascarada!

Numa explosão de cólera, em vez de esmola o homem começou a soltar berros, vaías e apupos contra a desconhecida que, espavorida, fugia diante dele, através dos milhais, com a elegante bolsa de fecho dourado bem firme debaixo do sovaco.

bibRIA

bibDIA

BIBRIA

g

Foguetes estrelajantes acordaram a aldeia, derramando por cima dos telhados salvas de três-três e pum-puns. Os sinos, bimbalhando, anunciaram também a alvorada de um dia diferente. Mas o povo já o esperava. Via no largo e na rua principal mastros espetados com grinaldas e bandeirolas de papel e começava a ouvir clarins festivos.

Perto do largo um homem esfolava carneiros rodeado por nuvens de moscas negras. Dependurava as peles, alinhadas, na ponta de uma vara que se inclinava para a rua, reclame do negócio. As onze horas da manhã, o homem apontou para as peles e comentou:

— Só três! Em outros anos, a esta hora, já eu tinha esfolado doze carneiros... Até parece que a gente vai perdendo o hábito de largar a carne de porco em dias de festa!

Nas tabernas entravam grades de laranjadas, cervejas, pirolitos. O aprendiz de alfaiate corria, açodado, para entregar uma andaina novinha a estrear. Aí pelas doze horas, quando a banda percorria os caminhos da aldeia, chegaram as primeiras vendedeiras de tremoços, doces e bugigangas, para ocuparem os melhores sítios do adro, junto ao coreto. As vendedeiras armaram os tabuleiros, expuseram as mercadorias e desapareceram da soalheira quente, em direcção

às tabernas. Um adulto, com uma criança pela mão, indagou:

— Quanto custa um chupa-chupa?

— Dos maiores, cinco tostões.

A criança recebeu a guloseima e, ávida, sem retirar todo o envoltório de papel, começou a lambuzar os beijos.

O adulto, dando-se ares de pessoa entendida, perguntou à velha vendedeira:

— De que são feitos estes chupa-chupas, tiazinha?

— De açúcar e vinho. Serve branco ou tinto. Quem os faz é o Osório, conhece? Um artista. Precisa de ganhar algum dinheiro, por causa daquela doença dele, e eu faço a venda...

Um forasteiro louro chegou montado numa bicicleta, na qual trazia um tripé e vários acessórios. Decorrido pouco tempo ficou montada a máquina fotográfica *a la minute*, com cenário de fundo. Outro forasteiro, mais jovem, apareceu acompanhado por uma rapariga de meneios plenos de à-vontade; ambos fixaram uma espécie de balcão e, numa parede fronteira, alvos de tiro dos quais suspenderam maços de cigarros presos por fitas de papel. Algumas espingardas de pressão ficaram em oferta, ao alcance da mão da rapariga. O seu sorriso floria sem constrangimento para os campônios que passavam.

Era porém ainda cedo para a grande afluência de patrões e jornaleiros, que acabavam tarde as lidas de meio-dia bem puxado para, nas suas casas, se abeirarem enfim da tijela com rancho especial. Todos se demoravam à mesa no dia da festança ao orago da aldeia, que uma imagem tosca evocava no nicho escuro sobre a verga da porta da igreja. Queriam sentir-se gente como qualquer outra ao menos durante uma tarde, também com o privilégio de comer um caldo de vacas gordas e demorar a mastigação por uma ou duas horas, se quisessem. Podiam os bois descansar e enferrujarem-se as folhas polidas das enxadas! E

podiam eles arejar os fatos domingueiros, há tanto tempo caídos no fundo das arcas!

O arraial prometia, abrilhantado à tarde e à noite por uma afamada banda da região...

O largo e a rua principal começaram enfim a pejar-se de gente encasacada e engravatada apesar da canícula.

Um sujeito de face curtida, com um chapéu colocado na cabeça às três pancadas, saiu sozinho, com passo hesitante, de uma taberna do largo e declarou ao mundo, espontaneamente, pelo simples prazer de declarar:

— Eh compadres! Isto é que é uma vida!...

Arrotou a três sardinhas assadas e meio litro de tinto, desenhou na atmosfera poeirenta uma vénia larga perante alguém invisível e foi-se, rua adiante, tremelicando nas pernas.

A banda trepou com solenidade para o coreto e começou a arrancar dos instrumentos músicas quase marciais. O arraial tomou de repente um ar de feira, com massas escuras do povo a moverem-se como vagas no mar, no meio do clamor das conversas, do ruído dos veículos que teimavam em passar pela estrada, dos berros do rapazio.

Todos aproveitavam a ocasião para buscar algum convívio, que lhes permitiria confrontar ideias, desfazer dúvidas, quebrar solidões. Animaria o preço do milho e o da batata? E o do vinho, ia manter-se? Quando seria possível liquidar as dívidas, pintar a casa?

Os adultos olhavam, trocavam notícias e esperanças, mas não tardavam a sentir-se irremediavelmente defraudados. A festa, paga por eles, não era para eles, que se descobriam jungidos à canga das preocupações quotidianas mesmo no arraial, com os ouvidos atoados pela música, em plena romaria.

Homens sem infância que, engravatados, suavam dentro dos casacos, algo neles, doendo, insistia em não se dissolver. Os vincos dos seus rostos morenos continuavam rígidos como estrias de aço, até quando sorriam ou chala-

ceavam. A festa, paga por eles, não lhes dizia respeito — sabiam-no. Como poderia um chefe de família esquecer a sua condição de escravo da terra e das normas por uma breve tarde de romaria?

A romaria era para os jovens, sobretudo para os garotos e os rapazes, ainda livres da canga... Era para a menina que implorava:

— Tia, compre-me este anelzinho!

A bijutaria cintilava sobre o pano encardido, à beira de outras bugigangas, com o seu vidrinho esplêndido, jóia de maravilha para vista ingénua.

— Vinte e cinco tostões? Toma lá, garota! Obrigas-me a estragar-te com mimos...

A romaria era para os petizes que corriam na peugada das canas de foguete e as recolhiam cheirando ainda a céu e a pólvora queimada.

— Quantas apanhaste, pá?

— Cinco, já. E tu?

— Quatro, mas esta vai ser minha!

O garoto partiu disparado e ficou uma madama a reclamar:

— Não há direito! Foguetório de manhã até à noite! Isto dá-me cabo dos nervos e da cabeça. Não há direito!

— Tirámos licença, senhora.

— Mas isso que quer dizer? Uma licença não justifica nada, compreendeu?

— Assobia-lhes às botas, comadre! — comentou alguém, à parte.

Uma forasteira indagou, compenetrada:

— Esta festividade é só religiosa?

— Qual nada! É religiosa e profana. E é se a Igreja quer que ela dure...

A romaria era para os rapazes e as raparigas casadoiras que passeavam de cá para lá, em magotes, olhando-se intencionalmente, sorrindo, ansiosos por apressar os pescoços em direcção à canga que vergava os ombros dos seus pais.

- Hoje é limpinho, vou pedir namoro a duas!
- Ena pá, que fortaleza!
- Diz-me cá, achas que poderei acompanhar a Lucinda?
- Sei lá! Ela anda aí. Pergunta-lho!

A romaria era para estes e para mais ninguém. Os adultos tinham motivos para achar imbecil aquela reunião pretextada pelo orago, aquele verem-se uns aos outros tristes nas mesmas caras (a regra do salve-se quem puder), aquela tarde preciosa perdida para o trabalho dos campos, quando urgia regar um milharal, consertar os alcatruzes da nora, arrancar a batata, arrumar o estrume, em vez de estarem ali a papar moscas como vadios, contemplando o vaivém dos filhos. Pensavam: «Ná, logo não me chincam aqui prá noite! Amanhã é preciso acordar cedinho...»

- Compra um pente, freguês?
- Um pente? Um careca não precisa...
- E esmola, dá? Por favor...
- O pedinte era jovem, enfezado. Trazia um galo vivo empoleirado num ombro.

- Não sabes que é proibido mendigar?
- Sei, mas quê?! Oxalá me levem preso, antes que coma este galo com batatinhas novas...
- Para que o queres no ombro?
- Para divertir os guardas quando aparecerem a exigir a licença de vender pentes...

O mata-carneiros retirara a vara das peles e fora-se há muito.

- Retratos! Quem quer tirar o retrato?
- Um tirinho, ó simpático! Venha dar um tirinho! Há prémios...

A multidão ondeava, agitava-se, comprimia-se. A tarde morria. Chegava a hora de queimar o último cartucho e de guardar a derradeira esperança para condutar com a ceia...

— Ah, porque não há-de a existência ser uma romaria contínua? — pasmavam os garotos, os rapazes, as raparigas.

— Ah, pai da vida, acabem de vez as romarias para que a existência pareça realmente como que é, negra condenação a um fardo não escolhido! — clamavam sem voz os camponeses adultos.

As lâmpadas acabaram por acender-se para encaminhar, no meio de restos da luz diurna, os passos da debandada geral.

bibRIA

h

Corria pela casa uma azáfama danada. Ele andava pelos cantos a esgaravatar um poiso tranquilo mas não topava casulo de feição. A lufa-lufa chegava a todos os cantos, quartos, corredores, atrás das portas... e ele atarantado, achando-se de repente a estorvar os passos de gente com pressa.

— Sai do caminho, garoto!

— Fora daqui, estafarmo!

Era assim e ele, pasmado ante a febre do movimento, não atinava onde encaixar o pequeno corpo. Estava a mais em todos os sítios. Impossível sair de casa naquele dia, deter-se por exemplo na rua a inventar jogos, com um cheirinho tão bom de folares frescos grudado nas ventas como promessa para a barriga espevitada.

Rondou outra vez, manhosamente, a cozinha. A mãe, a irmã mais velha, o pai, entretidos, de rostos nos alguidares de carne verde, futuras virtualhas. Esgueirou à socapa a mão adunca para a gamela de massa lêveda e rapou um pedaço. O forno era um ventre ígneo aberto (diante do rosto afoagueado da mãe que de súbito se voltara, berrando:

— Sai daqui, ladrão! Ainda hoje levas uma coça!

Sem remissão estava ali a mais. Definitivamente. Com a ameaça a vergar-lhe os cantos da boca.

O bocado de massa pendia-lhe dos dedos desanimados, esgarçava-se, crescendo como um monco descomunal para o chão do pátio. Provou um naco. Comia-se!

Olhou interrogativamente para todos os lados. Caramba, que dia difícil! Não o deixavam entrar na sala nem nos quartos, de soalhos limpos e corados. Não podia aparecer na cozinha. Restava o pátio. Pouca coisa, afinal, para uma véspera de Páscoa...

Fitou o carro de bois, de fueiros tortos, presença im-
portuna diante dele, intimidante e sólido demais para um petiz. Pátio alagado de sombra, pátio vazio. Raio de dia aquele!

Tinha a escada que conduzia ao sótão, felizmente. Subiu-a. Gostava de engardunhar pelos cantos escondos, misteriosos, onde não houvesse rasto recente; gostava de vagabundear envolto em teias de aranha, comido pela obscuridade. O sótão era um paraíso virgem, zona insubmissa, inabitada, fabulosa.

Afundou as mãos nos bolsos dos calções e subiu os degraus carcomidos, assobiando quase feliz. Os seus dedos tactearam pedras, cordéis, uma rãzinha, uma pequena caixa. Tirou-a para fora: era a caixa de fósforos, nem se lembrava. Formidável: uma caixa de fósforos quase completa!

Acabou de trepar os degraus e embrenhou-se na escuridão. Começou a vislumbrar as traves e os barrotes do tecto da casa, uma caldeira de cobre, um pulverizador, uma bexiga velha, um candil poeirento. Ouvia nitidamente as evoluções, os passos, os ralhos da mãe e da irmã, lá em baixo. Ela estava casadoira e por isso a Páscoa era festejada como devia ser... Cuidou de não fazer ruído, ladeando os trastes, os montes de sacos. A sua cara tocou em qualquer coisa repelente: uma teia de aranha imensa barrada de pó espesso. Ratos fugiam-lhe diante dos pés e ficavam a chiar,

assustados, nós esconderijos. Caramba, estava mesmo no seu reino de fantasia, alfobre de sensações e descobertas!

Continuou a caminhar em direcção do postigo da parede, onde se dependurava um retalho de céu azul claríssimo. Lá fora o canto estrídulo dos pássaros nas ramadas construía uma serenidade que não entrava na agitação da casa e ficava no exterior, espojando-se ao sol em sossego. Abaixou-se para um caixote de tábuas claras, novo ali. Que continha? Ah, pregos usados, um novelo de arame farpado, um pedaço de lata ferrugenta, um pacote cilíndrico... Um pacote! Que continha o pacote? Sabia lá!

Aproximou o estranho embrulho da claridade. Estava muito bem acondicionado e atado com um fio resistente. Outro fio mais grosso saía do pacote, qual cordão umbilical. E se ateasse fogo a este cordão, como vira fazer o pai no outro dia?

Acendeu um fósforo.

O cordão ardia e era lindo, cabeleira de estrelas irisadas a fluir das suas mãos embevecidas...

Um estampido no sótão.

Grande reboço em casa e na vizinhança. Muitas tábuas partidas, o telhado roto.

— Ai Jesus, que foi isto?!

A mãe do petiz chamou o marido, correu ao sótão. O filho sangrava, de lábios desfeitos, as duas mãos esface-ladas, a camisa rasgada. Torcia-se de pasmo e de sofrimento, repetindo:

— Ora porra, era uma bomba!!!

E um desalento infinito pungia-lhe a voz desiludida.

O pai levantou-o nos braços rudes, desceu-o para o pátio e montou-o sobre o quadro da bicicleta que conduziu rumo à casa do médico. O garoto mal podia equilibrar-se. Viam-se-lhes as mãos ensanguentadas, a carne dos dedos dilacerada, as articulações à vista, pingantes, sobre o guiador. O pai repetia ameaças:

— Ai menino, o arraial de pancada que vais levar!

E para os curiosos que vinham à berma da estrada em cata de informações:

— Então o garoto não foi logo gastar-me a bomba que eu tanto queria para rebentar o cepo do pinhal das Várzeas?

bibRIA

i

Abandonou a cama de má vontade. Seria melhor acabar já ali do que levantar-se e cair novamente nas garras diabólicas que lhe estrangulavam a respiração. Há sofrimentos que não valem a vida...

— Mariana, dá-me a camisa! Olha os sapatos. Traz-me os lenços...

A mulher compreendia-o e ouvia sem replicar os pedidos arquejantes. Entalada na garganta tinha uma pedra que só a deixava respirar em choro abafado, descontínuo. Tolhia-a uma comoção profunda, o pressentimento de desenlace trágico. «O Júlio estava mal, muito mal. E aquela tossel!...» Os seus olhos estranhamente negros, hipnóticos, brilhavam de insónia, marejados de lágrimas. Atordoada, nem sabia o que salvar daquela tempestade.

— Anda cá, tonta, ajuda-me aqui!

Ele começou a soltar miúdos ais. Queria falar apenas o indispensável; os pulmões deviam estar em ruínas. Estava todo podre, tinha a certeza. Receava não poder vestir-se. O menor esforço causava-lhe atrozes faltas de ar. Como se, em certos momentos, o tempo parasse e ele ficasse a oscilar entre a vida e a morte, trespassado por florestas de espadas rubras e geladas. Mas a morte rejeitava-o. Ainda.

Tinha frio. Decidiu levar outra camisola. Repeliu, enfatiado, o casaco que a mulher lhe ajeitava nos ombros.

— Chega-me mais aquela!

Quanto lhe custava falar... Não se reconhecia em si mesmo, antes tão jovem e forte, enfraquecido pela doença.

Ouviu-se o roncar de uma camioneta e uma voz:

— Avie-se que o sr. Raínho não pode esperar!

Procurou imediatamente abreviar os preparativos, mas acabou por sucumbir e impacientar-se. «Que espere se quiser!» Enfiou, agónico, a última manga do casaco e logo se deteve, a respirar haustos sôfregos, apesar das câibras, de luzes a cegá-lo.

Era verdade, estava fraco como folha seca de eucalipto que no Outono se pulveriza no chão. A doença era um incêndio nocturno na sua carne mal nutrida. E os pobres consumiam-se esperando vaga no hospital, a contas com burocracias ininteligíveis. Escasseavam as camas, camas de salvação, pelo menos para donos de bolsas desgarnecidas.

Ainda bem que a sua vez chegara. Mas sentia-se desfeito nos últimos meses, assinalados com terríveis hemoptises que caçoavam das injeções e dos tratamentos. Agora todo ele estava podre e sanguinolento. Quanto sangue seu já lhe digerira o estômago sem o arremesso de vômitos?

Tarde quisera admitir a necessidade de requisitar cama no hospital da vila. Seria um quebranto ligeiro, irmão de tantos que apareçam por vezes... Quem poderia imaginar a gravidade dos primeiros sintomas? Mandara Mariana chamar a Gestrudes, que era quem, na aldeia, mais entendia de medicações. Talvez aliviasse do quebranto com algum remédio. As cozeduras porém não surtiram efeito e ele piorou. Depois veio o médico, com censuras por ter perdido tempo valioso com curandeiras e votos de que tal loucura não tivesse más consequências. E agora o descalabro, a perda da confiança na rijeza do corpo.

Invadiu-o o medo impreciso do que estava para vir. E se não resistisse à doença? Se estivesse já a amadurecer para a morte?

Quando se ergueu para caminhar em direcção da camioneta, abriu-se-lhe sob os pés um abismo alucinante. Com energia sobre-humana opôs-se ao convite de entregar-se e amparou-se, desesperadamente, ao braço saudável da mulher. Do meio dos escombros do seu corpo elevava-se, imperiosa, uma vontade de viver feita só de instinto.

Ao Rainho não embaraçava levar ao hospital o doente. Normalmente era ele quem conduzia os enfermos da aldeia para a vila, pois ia lá aos mercados devido ao negócio de cereais. De boa vontade levaria o Júlio, satisfazendo o rogo de Mariana.

A Mariana...

Mulher estranha aquela! Mulher das que passam na vida de vários homens, misteriosas Lucíolas, deixando na epiderme dos amantes um sopro de ardência tempestuosa que os erguia ao céu e arrojava, simultaneamente, no inferno! As maiores altitudes do êxtase casavam-se, perante ela, com fogaréus de horríveis desesperos.

Lembrava os mexericos que, em tempos, haviam corrido a badalar os seus amores. A verdade é que se sentira atraído irresistivelmente para aqueles olhos cheios de noite iluminada por explosões contínuas de estrelas. Não soube donde ela vinha nem para onde ia, nunca o soube ninguém, e apesar disso enfeitiçou-o aquele corpo bruxo, cáldo e coleante, feito para o amor. A certa altura acontecera qualquer coisa subtilíssima e começara a temê-la como uma inimiga, a afastar-se. Há mulheres que trazem consigo um fogo exaustivo que destrói quem lhes toca. A beleza, nelas, é razão de desvario, motivo de fatalidade.

Mariana, sempre bela, não perdera naqueles anos o fascínio que continuava a brilhar, perene, no sortilégio dos seus olhos perturbantes.

Júlio abeirou-se da camioneta. Antes de subir para a almofada encheu pela derradeira vez as órbitas fundas com a visão da casita, da figura de uma vizinha embiocada no xaile, da rua estreita e enlameada e da sua mulher que trepava os taipais ajudada pelo servente do Raínho. Abarcou tudo com uma mirada e logo, inexplicavelmente, sentiu saudades do seu pequeno mundo.

Quando se deixou cair no assento e descansou, um *ai!* de alívio escapou-se-lhe dos lábios de cal, como se tivesse explodido o planeta. Depois um cansaço fundo semicerrou-lhe as pálpebras. Teria sido mais simples rebentar na cama, de uma vez para sempre! Admirou-o sentir o cérebro tão varrido e flexível (como o corpo de Mariana), ao contrário dos muitos dias em que ouvia estranhamente bem. Agora ouvia pouco: mal percebia o roncar monótono do motor e deixara de distinguir o choro de Mariana, sentada lá atrás, na caixa de carga.

Concentrou-se. Experimentava um prazer doce dando asas a ideias tão leves e seguindo embevecido as suas trajectórias. Faltava pintar o resto da casa do patrão Januário, que esperara meses mas ia agora casar a filha. Ele tardaria no hospital e o patrão entregaria a conclusão do trabalho a outro pintor. Seria a gente do hospital capaz de lhe acudir em poucos dias? Como ambicionava ter vigor e saúde! O mais duro da sua vida estava passado. Porque havia de sucumbir agora?

Quando estivesse restabelecido, voltaria. Diria à mulher a esperança de ter um filho. O casinhoto andava a pedir arejo e para isso nada melhor que uma criança. A Mariana, porém, nunca falava nisso...

A camioneta saltou de repente e ele escutou as imprecações do Raínho. Era a estrada esburacada, era a lama e agora a chuva. Raio de tempo!

Júlio tornou a ensimesmar-se ouvindo o bater rítmico da chuva na lata da camioneta e no vidro do pára-brisas. Sentia-se penetrado suavemente por um silêncio de noite

fresca que lhe enchia os pulmões de oxigénio puro e o deixava secar, secar e tornar-se tão leve e seco que em breve ia ficar em suspensão na atmosfera, sem uma dor, pronto para a viagem ao desconhecido...

Ao retornar o aguaceiro Mariana recolhera-se no exíguo resguardo da cabina, a convite do servente, junto dele. Chorava ainda mas secaram-se-lhe as lágrimas quando caiu a bâtega. Começou a sentir um calor inesperado vindo não sabia de quê. Uma haste familiar antes caída reverdecia e desabrochava de novo no seu seio, incensando-a com um perfume estonteante.

Afinal — pensou — era tola em chorar. Que adiantava com isso?

Quando, dentro da vila, viu o hospital, sentiu retirar um braço novo da sua cintura.

bibRIA

Logo que lhe despoitou a barba na cara redonda e o buço de um bigode lhe sombreou o lábio quieto, o casal Santos decidiu doar o filho. Compraram para ele um cavalo de raça com jantes andaluzas, ofereceram-lhe medalha generosa para gastos pessoais e, com muita em consideração de espanto, outorgaram por escritura feita no tabelião todos os seus bens ao morgado, reservando para si apenas os direitos legais de usufruto. O caso motivou grande discussão na aldeia e na vila. Não havia notícia de outro lavrador ter perdido em vida a posse legal de patrimônio tão vasto a um beneditino único, solteiro. Essa decisão despertou

bibRIA

Ninguém melhor que o casal Santos amimou o filho, talvez porque foi o único que houve após vinte anos de matrimónio. Lavradores rudes como os mais, quiseram poupá-lo à lidairada do campo, sem todavia o mandarem estudar para a vila ou para a cidade, como faziam os lavradores mais abastados da região. Saído da escola primária, o Aniceto cresceu e ficou sem emprego, branco e bem tratado, a ver os pais amanhar as leiras com os jornaleiros ou sozinhos, dando rações às rolas, aos pombos e aos cães, passeando e mais tarde caçando por vinhedos e pinhais brenhosos, de espingarda na mão sonolenta.

Logo que lhe despontou a barba na cara redonda e o buço de um bigode lhe sombreou o lábio quieto, o casal Santos decidiu dotar o filho. Compraram para ele um cavalo de raça com jaezes andaluzes, ofereceram-lhe mesada generosa para gastos pessoais e, com mira em consórcio de espanto, outorgaram por escritura feita no tabelião todos os seus bens ao morgado, reservando para si apenas os direitos legais de usufruto. O caso motivou grande sensação na aldeia e na vila. Não havia notícia de outro lavrador ter cedido em vida a posse legal de património tão vasto a um herdeiro único, solteiro. Esta decisão despertou

vivíssima controvérsia, por ir contra a tradição vigente de os pais deixarem à prole os seus legados apenas quando faleciam. Não faltou quem prädissesse, com a lógica do provérbio «Se é morgado é atoleimado», a ruína lamentável da casa dos Santos num futuro iminente.

Dois anos volvidos, Aniceto anunciou o seu casamento com uma vergôntea da mais respeitada família burguesa da região. Nessa altura já o majestoso cavalo havia sido trocado por um automóvel e os dias de exercício venatório por noites nos cafés da vila. A festa do casamento deixou ecos que perduraram anos e anos nas recordações do povo.

O derradeiro esforço que o casal Santos, já velho, promoveu a favor do filho mimado foi o de construir uma nova casa à beira daquela que habitavam, atendendo às necessidades de residência própria dos recém-casados.

Dir-se-ia encerrar aqui o capítulo primeiro de uma história vulgar. Aniceto casara, vivia com a esposa numa moradia moderna, dispunha de automóvel e dos rendimentos fáceis das propriedades herdadas acrescidos com o valor do trabalho e do porfiado zelo dos seus pais. Eram rendimentos que lhe permitiam viver despreocupadamente na ociosidade.

Porém, nunca a vida de Aniceto seria uma história vulgar. O falecimento do pai — vítima de um aluimento quando se encontrava no fundo de um poço em obras — fê-lo tomar sem demora, nas alvas mãos inexperientes, a administração da casa paterna — a sua própria casa. Engodado por novos métodos agrícolas, malbaratou a breve trecho uma quantiosa soma que logo se revelou improfícua. Mais tarde, reconhecendo a impossibilidade de vir a obter lucros em tal género de exploração, vendeu algumas propriedades, pagou os débitos e tentou investir o capital sobran-te em negócio dúbio montado na vila. A venda do primeiro lote de terrenos seguiu-se o segundo, o terceiro, numa sucessão

imparável. A viúva habituou-se a ir à vila, de automóvel, com o filho, assinar as escrituras de venda. A esposa requereu separação depois de abalar, amuada, para casa dos papás.

Ao fim de alguns anos o património herdado por Aniceto estava completamente consumido por chamas de uma fogueira invisível. E quando de seu só lhe restava a casa da qual era solitário morador, assistiu-se ao desagregar espantoso desta, móvel por móvel, porta por porta, telha por telha, adobe por adobe! Vendeu a casa pedaço a pedaço por três reis de mel coado. No sítio ficou somente a ruga fóssil dos caboucos, como se um vento maligno houvesse escamoteado a moradia. Hoje, quando por ali passam os aldeões, apontam o lugar vazio, constrangidos de emoção, e dizem: «Aqui existiu uma casa!»

Toda a gente da região estendia o dedo para Aniceto, evocando a tragicomédia do Pedro-Sem e a verdade do provérbio «Se é morgado é atoleimado». Mas ele continuou, ocioso, a frequentar os salões de baile da redondeza, menosprezando os sorrisos irónicos, os murmúrios de troça, os próprios vexames. Dançava com raparigas pintadas vindas na sua companhia e, nos intervalos, cantava ao microfone da orquestra, com voz campanuda de barítono, uma ou duas canções românticas. Imitava muito bem Alberto Ribeiro, dizia-se.

Por fim, quem passou a acompanhar os seus passos cegos foi uma rapariga de face airosa, mas precocemente estragada, que, como as mais, era desconhecida — outra ave de arribação. Andava com Aniceto pela vila e ninguém conseguia localizar o poiso nocturno dos dois. Mas os emigrantes em férias e alguns jovens endinheirados agradeceram a introdução de uma nova rameira na vila... Contra este qualificativo infamante reagia o companheiro da rapariga que, mais de uma vez, na rua ou no café, impôs com os punhos um tratamento cerimonioso. Na verdade, exigia

a quem lhe levava que a tratasse como se ela fosse sua (dele próprio) esposa...

Dir-se-ia terminar aqui o segundo capítulo de uma história vulgar. Mas em que medida poderia ser vulgar a vida de Aniceto? O terceiro e último movimento da história foi mais longe mas ficou por encerrar. Entretanto, a sua mãe, encanecida por trabalhos, tristezas e embaraços, finou-se lentamente na casa deserta, amortalhada em abandono.

A velha, minada por desesperos sem remédio, acabou por encerrar-se na velha casa, único bem que conseguira sustar na queda. Também fora vendida mas reservara para si o direito de a habitar enquanto vivesse. Nunca mais saiu à rua e, aos vizinhos que a visitavam na cama para a ajudar, dizia que não tornaria a tomar alimento algum, afora uns goles de água. Queria abreviar a morte, acabar consigo, escapar do negro mundo.

A notícia estrondeou na aldeia, causando uma impressão funda em todos os ânimos. Pensou-se que a infeliz amalucara por via dos muitos afãs e desgostos da sua longa existência. Julgou-se até que de tal sorte pretendia reconduzir ao bom rumo o filho transviado e gabaram-lhe a manha. Aniceto, porém, informado da resolução da mãe, manteve-se afastado. E sua mãe não fraquejou. As visitas aumentavam de número, na intenção de a dissuadirem por todos os meios de tão espantoso propósito. A todas a velha repetia a resolução inabalável, surda a todos os rogos. Desligara-se do mundo, das pessoas e de si mesma. Insistia em morrer aos poucos, dia após dia, ingerindo apenas água. Desmontava o organismo da sua vida, peça por peça, com pertinácia igual à do filho ao desmontar a casa.

Ao fim de trinta dias ainda agonizava, qual sombra bruxuleante a extinguir-se. Ao trigésimo oitavo dia continuava em agonia. Com um sopro ténue de voz pedia des-

culpa às visitas e ao padre por não ter ainda conseguido expirar. Despedia-se para sempre de cada pessoa e procurava ajudá-las a prever o dia certo da sua morte, solicitando a última esmola de lhe tratarem do funeral.

Morreu ao quadragésimo quarto dia.

Aniceto continuou a dobar com passos cegos os fios da tapeçaria obscura da terceira e última parte da sua vida.

bibRIA

— Homem de quatro costados, um senhor. Não recuava diante da empresa muito incerta, da aposta mais estranha e maliciosa. O seu amor a apostas conduzia-o a inventá-las:

— Eh Toim, apostas em que não consegues beber todo o vinho deste copo?

— Só se tu não deixares...

— Mas eu deixo-te à vontade! Tens é de o beber mesmo todo.

Só o outro adregava apostas, adregava as mãos, torcia-se de gozo. Claro, o outro não podia beber o vinho até à última gota, sugar o último véu da humidade, e perdia. E então murmurava:

— O Justino?! Ai o alma dum rato!

— Pois sim, mas bebe lá este vinho sem pôr o nariz dentro do copo!

Homem de quatro costados era o Justino. Que o dissessem os companheiros das largas noites de inverno, dos serões animados na taberna do Pardal. Que o dissessem quantos ele conseguira derrotar sem reboço em numerosas apostas, com manhas que toda a aldeia, admirativa, comentava nos dias seguintes.

— O Justino?! Ai o alma dum raio!...

Homem de quatro costados, sim senhor. Não recuava diante da empresa mais incerta, da aposta mais estranha e audaciosa. O seu amor a apostas conduzia-o a inventá-las:

— Eh Toino, apostas em que não consegues beber todo o vinho deste copo?

— Só se tu não deixares...

— Mas eu deixo-te à vontade! Tens é de o beber mesmo todo.

Se o outro adregava apostar, esfregava as mãos, torcia-se de gozo. Claro, o outro não podia beber o vinho até à última gota, sugar o último véu de humidade, e perdia. E então ouvia-se:

— O Justino?! Ai o alma dum raio!

— Pois sim, mas bebe lá este vinho sem pôr o nariz dentro do copo!

Havia muita gente que já lhe conhecia as manhas e que por isso o evitava. Então os desafios tomavam outras direcções, depois de cansar a mioleira a imaginar desforços inéditos. Porque ao Justino nem doutores levavam a palma. E ele, debaixo do cone de luz do lampião da taberna, gritava aos companheiros a aposta da noite:

— Eh rapaziada! Quem é capaz de beber primeiro estes cinco litros de tinto?

Ganhava sempre, ainda que tivesse de chegar a casa aos bordos, caindo de bêbado, ou ensanguentado, molhado, nu, com a pança nas horas de estalar. Ganhava sempre. A fama das suas apostas saía da aldeia, furava as freguesias da vizinhança e atingia a vila. E ele era ladino, os seus reptos dirigiam-se sempre a um futuro derrotado.

Certo dia apostou com um caixeiro-viajante do Porto, propondo-se triturar «na sua boca, com os seus dentes, até ao sopé» um copo de vidro que o Pardal taberneiro tinha em cima do balcão. As gengivas sangraram, dilaceradas pelas esquirolas de vidro que ele cuspiu de mistura com sangue e saliva, mas o caixeiro-viajante, surpreso e impressionado, pagou o litro de aguardente e o copo roído. Todos o olhavam com admiração, quase com respeito.

— O Justino?! Ai o alma dum raio!...

No tempo das jornas, quando os dias eram largos como noites de inverno, os patrões procuravam-no, disputavam-no à força de escudos. Porque os seus braços eram potentes e serviçais. Atrás deles iam os braços do rancho todo. Cavava, cavava, o suor correndo-lhe em bica. Nas suas mãos a enxada rodopiava em sarabanda, ligeira como uma palha, desaparecendo na terra. E se os mais do rancho adormeciam na retaguarda, soltava o desafio pimpão:

— Eh malta, querem que vos faça o cerco?

Os companheiros podiam rebentar mas não ficavam sem lhe dar resposta.

Principiaram a vê-lo com olhos torvos alguns homens, incapazes de suportar o brilho natural do herói e a desejar

o dia da sua queda. Pressentia-o o Justino embora nada fizesse para se emendar: propunha apostas cada vez mais ousadas, pretendendo com elas impor aos outros a sua força, vencê-los, sufocar-lhes o ódio.

Numa das feiras da redondeza apostou que cavalgaria um boi de olhar mau que por ali aparaceu em demanda de talhante. Regressou a casa de palatiola, mas consolidou a fama. E ele enchia o arcaboço de ar, punha um adejo de festa no carão talhado à faca e regougava:

— Ainda está por nascer quem me há-de tramar! Tenho água para dar de beber a todos os peixinhos!

Não faltava quem o advertisse:

— Justino, pensa bem... Olha que um dia sucede-te alguma coisa ruim!...

Em casa, sua mulher também lhe moía o bicho do ouvido:

— Eh homem, credo! Só sabes desafiar a má sorte... Queres mesmo cair na desgraça?!

Em vão. Aquilo era mais forte que ele, que os outros, que tudo. Era uma sina:

— A primeira aposta que ganhei fi-la ainda no ventre da minha mãe, pra que saibam! Havia dois gémeos a querer sair... Mas fui eu que liquidei o outro!

Estava ele na taberna do Pardal à cata de um bom motivo para passar alegremente o serão. Lançara para a direita e para a esquerda desafios banais, sem resultado. As horas deslizavam. Os outros mantinham-se moles, sentados nos bancos em torno das mesas a jogar à bisca e à sueca. Encostados ao balcão alguns esvaziavam os copos e chupavam os cigarros, conversando sem ânimo de discordar. Outros, em grupo junto da porta, de caras para a negridão da noite, não tinham atendido sequer os desafios do Justino.

Não haveria animação para aquela noite?

O Pardal, de barriga espapaçada no balcão, via a impaciência do apostador e gozava. Seria difícil arrancar a car-

neirada à sonolência da loja. O Justino fitou-o, pensando: «Ah, porco de uma figa, que já te caço!»

Num rompante ergueu-se no meio da locanda e gritou: — Quem aposta em como sou capaz de ir hoje ao cemitério, à meia-noite, cravar uma estaca sobre a campa da minha mãe?

Todos os circunstantes se voltaram, despertos. Eis uma aposta diferente! E ele não brincava, com apostas nunca brincava.

No centro da locanda, bem firme nas pernas tesas, o Justino aguardava o parecer dos companheiros e repetia, desafiante:

— Ao cemitério, à meia-noite, cravar uma estaca sobre a campa da minha mãe?

— Raio, é terra sagrada! Aposto cinco litros de tinto!

— Pois isso não é nada: aposto cinco litros de vinho abafado!

— Com mortos não se brinca e, para mais, da família... Ponho uma garrafa de anis! — disse o Pardal.

No centro, o Justino mantinha a postura inicial digna de marechal vencedor de batalhas mais difíceis. Erguido sobre os pés, parecia feito de uma só peça, com modos seguros de quem sabe de si mesmo. Ali estava o vencedor de mil teimas, célebre naquelas freguesias e aldeias, célebre na vila. Ali estava o Justino com fama de ganhador de apostas, ainda que se derimissem no tribunal de Anadia. Todos, ao falar deles, exclamavam:

— O Justino?! Ai o alma dum raio!...

Aquilo bastava. «Ai o alma dum raio!» Estava tudo dito.

— Ó Pardal, que horas são?

— Passa das onze e meia.

— Vamos.

Todos saíram. Procuraram no pátio uma estaca e uma maça de madeira para a martelar. Alguns desandaram para casa, desinteressados. A todos amendrontava aquela visita nocturna ao cemitério, ao qual se ligavam tantas histórias

arrepiantes de fantasmas, sudários brancos, ruídos inexplicáveis, visões macabras, fenómenos de terror. Dizia-se que da terra mortuária saíam faíscas durante certas noites calmosas. Dizia-se que quem pisasse aquele terreno sagrado, depois de soarem as doze badaladas da meia-noite, ficaria lá para sempre. Até se contava uma lenda para o demonstrar. Com tais coisas não se brincava impunemente...

A superstição e o medo à morte tolhiam os passos daqueles homens e foi com uma lâmina de frio a vará-los que, passo a passo, se dirigiam para o cemitério situado ali perto, numa colina para além da última fieira de casas.

A escuridão absorvia a forma das coisas, a própria realidade da aldeia. Um silêncio impressionante punha uma nota trágica no seio morno da noite. Apenas ao longe, muito ao longe, se ouviam latidos de cães inquietos, lúgubres.

O grupo deteve-se junto da porta do cemitério. Ninguém falava, de sentidos acordados, tensos, à escuta. Os homens, envolvidos em gabões, mal se distinguiam uns dos outros, no meio do negrume espesso, de fundo de poço. Para lá da porta ficava o espaço sagrado, com as campas, as cruzes, o reino do sobrenatural. O Justino tinha que penetrar nele, caminhar através das sepulturas, contornar os mausoléus, chegar à campa da sua mãe e cravar aí a estaca que levava na mão.

Quando o relógio da torre bateu as doze pancadas, o Justino, sem proferir palavra, saltou a parede, caminhou por entre as orlas de buxos da entrada e desapareceu, engolido pela treva. Os companheiros esperaram-no junto do portão, de respiração contida e coração agulhado de presságios. Em silêncio ouviram afastarem-se os seus passos — uns passos cautelosos e furtivos. Decorrida uma eternidade ouviram-se pancadas sucessivas, surdas.

«O alma dum raio vencia outra vez, dianho!» — foi o pensamento unânime.

As pancadas cessaram e refez-se o silêncio. O silêncio alastrou, entrou pelos sentidos. Durante largos minutos,

como uma presença viva, o silêncio palpitou no reino das sombras.

De repente uma coruja piou. Ouviu-se um grito apavorado. Bem humano. Junto do portão, na estrada, o grupo estremeceu como um só homem. Depois, como água fluindo, o tempo tornou a correr.

O Justino não aparecia. Nem, vivo, apareceu mais. Assassinarão-no à machadada, deixando-o esquartejado à beira da campã da sua mãe, onde se viu também, de manhã, uma estaca mal enterrada.

bibRIA

m

Seguindo um costume tão antigo que o sarro dos anos quase sacralizava, o lavrador Manuel Martins reuniu a família na noite de Natal para a castanhada da praxe. A filha-rada não pôde adivinhar a decisão, martelada na bigorna do cérebro durante meses a fio, que o velho lavrador ia anunciar num golpe de surpresa. Mas depois de vencer hesitações e dores, espantos e orgulhos, limitou-se a empunhar o cornetim de comando e a mandar recado ao filho e às duas filhas já casadas e com casa posta na aldeia, para que não faltassem naquela noite. Apenas acrescentou, em confirmação, que a família estaria completa: recebera telegrama do Tiago já de Lisboa e, claro, com o Mário não havia dificuldade: solteiro, como o Tiago, ainda vivia agarrado às telhas do pai.

A castanhada não era coisa de somenos. Requeria pausados preparativos, certo luxo de avios. Mas o porco já havia saído do curral e, subjugado sobre o carro de bois, recebera a faca na garganta; depois de chamuscado passara horas suspenso da trave com o focinho a apontar para um alguidar e, finalmente, abastecera de toucinho fresco e boas febras a salgadeira, enquanto as miudezas enchiam diversas talhas de rojões conservados em unto e as tripas, transformadas em chouriços desde a véspera, pendiam, húmidas

e rosadas, de varas atravessadas na chaminé. Trabalho duro para dois homens e três mulheres, porque do animal nada se desaproveitava! Assim, arrumada a matança do porco, ficou meio caminho andado. Ir à loja comprar uma saqueta de castanhas, farinha de trigo e açúcar, e preparar em casa as filhós, foi tarefa que se fez a assobiar, com uma perna às costas. Restava ir à adega encher as pucheyras de je-ropiga.

Ninguém falhou aquela reunião da noite de consoada. Tiago arribou ao fim da tarde, num automóvel de aluguer atulhado de malas, logo descarregadas pelo Mário para o pátio da casa. Em plena festa de abraços de familiares e vizinhos, ei-lo a saborear uma tenra febra de porco com batatas cozidas que sua mãe preparou entre fungadelas de comovida alegria. E Tiago pôde dizer à velhota que não se provava no Brasil manjar mais delicioso. Faltava da-qui, lá!

O filho e as duas filhas já casados surgiram ao princípio da noite, guiando as respectivas procissões de consortes e proles. A família encontrou-se reunida, inteirinha, pela primeira vez em muitos anos. O «brasileiro» concentrava as atenções gerais devido ao sotaque pitoresco, às maneiras de aldeão polido por alguns anos de contacto com ambiente urbano. Distribuiu presentes generosos, ritual expressão de abastança. Sua mãe tinha-o nas meninas dos olhos.

Por fim, o velho lavrador afugentou toda a família do pátio — verdadeira sala-de-visitas da casa — e levou-a a abancar à mesa para a ceia.

A cozinha, grande como a de um quartel, ficou repleta de ruído, de exclamações e de risos. A mesa não conteve a miudagem, que se resignou a comer no chão como alcateia esfaimada. Na lareira espaçosa inchava um arrebol de labaredas que fazia oscilar os chouriços frescos. O monte das achas de pinho crepitava ruidosamente, à ilharga da mesa, preparando o brasido para a grande castanhada. A fogueira

inundava toda a cozinha de um resplendor violento que arrancava revérberos à madeira puída do guarda-loiça e ao mostrador esmaltado do velho relógio de pêndulo encostado a um canto, emoldurado por um relevo em chapa de cobre. Este relevo representava uma mulher, talvez uma deusa pagã, sentada em cima de um tonel entre cachos de uvas e ladeada por dois nédios querubins...

Quando chegou o momento de saborear as filhós, regando-as com copos de doce jeropiga, a família abandonou a mesa e instalou-se em torno da lareira imensa, onde o fogo saltou, alegre como um balão de romaria, reavivado com nova achas. Os poiais encheram-se, esgotaram-se as tripeças e, para acomodar a família toda, houve necessidade de requisitar cadeiras à sala.

A medida que voava da bacia de barro vidrado a montanha de filhós e a pucheira rodopiava numa dança dionisiaca para matar as securas da guloseima e do calor do borralho, as línguas desataram-se. Entretanto, iam esmorecendo as chamas da fogueira. A cozinha submergia-se pouco a pouco na penumbra. Em breve surgiu no centro do borralho um montão de brasas coruscantes que, aberto, recebeu as castanhas de casca já fendida e algumas pedrinhas de sal para temperar. Depois de bem cobertas pelo brasido, era só fumar um cigarro — e ei-las assadas!

Alguns miúdos cabeceavam de sono mas outros, mais lambareiros, catavam na bacia as varreduras de açúcar com canela das filhós ou fitavam, absortas, as chamas mortíferas e as brasas sob o xaile das mães. Um clarão ígneo espalhava-se pela cozinha, matizando com estranhas colorações de bronze e ouro velho os objectos e as pessoas, emprestando-lhes algo de fantasmagórico.

As castanhas começaram a ser retiradas, escaldantes, das brasas. A penumbra crescia pelos cantos, adensava-se nos frisos. Era, para o lavrador Manuel Martins, chegada a altura de anunciar à família a sua grande decisão.

O velho lavrador pigarreou, solene, tentando libertar a garganta do nó que a comovia.

— Oçam todos!... Quero aproveitar esta ocasião para vos lembrar que tanto eu como a vossa mãe estamos cansados. Não podemos continuar a labuta como até aqui...

A família escutou atentamente o velho. Adivinhava toda a dor contida no reconhecimento daquele simples facto e, ao mesmo tempo, pressentiu que o velho se preparava para anunciar uma decisão longamente amadurecida. Sempre que falava de assuntos sérios, tornava-se assim grave e conciso, como se estivesse a recitar um testamento alheio decorado.

Após uma pausa, o velho prosseguiu:

— O Tibério, a Fátima e a Dorinda estão já casados e têm filhos a sustentar. Sei que lhes custa andar por aí a ganhar umas jornas como se não tivessem onde cair mortos, quando podiam trabalhar nas terras que, como meus herdeiros, têm a receber. Também eu passei por isso, também eu tive que esperar que meu pai falcesse para receber os seus bocados e me tornar proprietário... Por isso compreendo que deve custar aos meus filhos casados terem tábuas couceiras nas suas casas em vez de janelas e portas carpinteiradas. Compreendo as suas dificuldades e tenho-os ajudado como posso. Mas quero dizer que nem sempre eles me têm correspondido. Evitam trabalhar para o pai só porque não lhes paga jornas, como se isso não fosse, afinal, trabalhar para eles mesmos...

— Desculpe lá, pai, mas nisso eu até lhes dou razão! — observou Tiago, o «brasileiro», num rasgo de generosidade. — Por mim, eu andava longe, a abanar a árvore das patacas e o Mário, aqui, pouco ajudava o pai, pois se governava que nem um fidalgo com a oficina de bicicletas e o aluguer do motor de nega. Os nossos irmãos casados, com encargos de família, portanto, também tinham direito de ganhar para si mesmos, até porque tinham que alombar com uma carga maior... Parece que nós ambos temos de

pensar em casar, agora. Que dizes, Mário? Já que és o mais novo, podias dar-me o exemplo...

O visado sorriu e atalhou:

— Por mim, não há dúvida que estou a fazer progressos com a minha cachopa. Quando lhe pedi namoro, há dois anos, ela que até aí me tratava por tu, começou a tratar-me por você... Mas agora já começou outra vez com o «tu». É sinal de casamento à vista!

O velho lavrador pegou nas tenazes e começou a esventrar o monte das brasas cobertas de cinza, como se estivesse a lavar terreno conhecido. Disse:

— A tua cachopa, Mário, é boa rapariga e trabalhadeira, em casa, como tecedeira de mantas, e no campo, à jorna. Parece que é coisa assente. Quanto ao Tiago, talvez ainda pense na sua namorada antiga, que tem estado à espera dele...

— «Minina» para casar arranjo eu num rufo! Até porque não quero dar tempo a tratar-me por você a quem eu conheço desde nascença, homessa!

— De alguma coisa lhe serviu andar pelos Brasis! — observou, de pé, o Tibério, dando as costas frias à fogueira, com um filho adormecido ao colo.

— Bem — interveio o velho lavrador, largando as tenazes — não tardo a ver todos os filhos casados e arrumados, com famílias a sustentar. Mas gostaria de evitar que os meus filhos, casados, passassem tudo o que eu passei e que todos os casados passam por aí enquanto os seus pais vivem. Vocês conhecem o costume. Falei com a vossa mãe e ela está de acordo. Não quero também que nos aconteça a nós o que aconteceu ao vizinho Alfeza carreteiro... Não queremos que os nossos filhos nos façam o mesmo...

— O que foi? — indagou o Tiago.

— Morreu, como deves ter sabido, sem fazer partilhas pelos filhos, todos casados há muito — explicou a Dorinda, uma irmã.

— No dia do enterro vimos perto dele uma broa quase inteira, mas todos sabem perfeitamente que morreu à míngua — acrescentou a velha mãe, quebrando o mutismo.

— Não queremos que vocês nos façam o mesmo! — repetiu o velho lavrador — nem queremos andar pela rua a pedir esmola. Por isso tomei a decisão.

— Que decisão? — quiseram saber todos os filhos, num coro ansioso.

— Tomei a decisão de fazer partilhas em vida.

— Ah!...

— É a primeira vez que tal acontece neste lugar, julgo eu — comentou o marido da Dorinda, após um silêncio geral.

— Alguma vez há-de ser a primeira! — respondeu o velho. — Como sabem, não tenho fortuna para vos deixar porque são cinco filhos e as terras, poucas. Mas cada um de vocês poderá contar com os bocaditos que lhe couberem e passar a ser proprietário. Portanto, se todos estão de acordo, quero-vos aqui amanhã à tarde para começarmos a tratar das partilhas.

Muito à pressa, mastigaram as últimas castanhas e esvaziaram as derradeiras copadas, para espertar a soneira. Uma badalada distante soou, canalizada pel chaminé, por cima das cabeças em roda, como um sinal de partida. Em breve apenas ficou na cozinha o clarão rubro morrendo aos poucos sob o peso das sombras, num silêncio amplo que transformava o tique-taque do relógio em algo semelhante ao bater de duas mandíbulas colossais a mastigarem o tempo...

estava por terra, de olhos vidrados, vítima de um inimigo de corpo tão pequeno que ele nem o viu. Eu nem queria acreditar. Olhava para a partilha do boi, parecia um pedaço a gemer de sofrimento, depois olhava para o céu escuro, de onde caía orvalho tão espesso que já cobria o animal como se fosse um manto ou um outro pélo, e não caía em mim com tamanha desfeição.

n Chorei até mais não porque nada havia a fazer. Foi um ano inteiro de sacrifício que ia a enterrar, atirado por mandeia. Apenas se aproveitou a pele, que tendeu exactamente a nota que faltava para attimar contas com o meu pai.

Então senti uma fibra qualquer partir-se dentro de mim.

Não se lembram como fui parar à Venezuela? Pois eu não me esqueço da história. Começou tinha eu dezassete anos, com o meu pai a sair de casa pela calada da noite para apanhar o comboio em Oliveira do Bairro. Voltou passados dois dias, à frente de um boi que tinha comprado numa feira de Santarém. Que estampa! Até dava gosto vê-lo!

Pus-me a trabalhar. Durante um ano quase nem passei o corpo pela enxerga. Levantava-me alta madrugada e corria a lavrar campos sem fim. Com aquele boizinho lavrei toda a terra nesta redondeza. Então não havia tractores por cá e o trabalho não esmorecia a quem lutava pela vida.

E as coisas correram-me bem. Ao fim de um ano certo tinha somado no livro 36 contos. Só me faltava meter na carteira mais uma nota de mil para poder pagar ao meu pai o valor inteiro da compra.

Era bastante dinheiro, que julgam? Chegava para comprar em Aveiro um automovelzinho novo a estrear e ainda era capaz de sobrar algum troco para o rádio.

Mas aconteceu, aconteceu o revés. Um dia o boi apareceu morto, inchado como uma dorna. Tinha comido uma saparrela junto com a erva e a saparrela matou-o.

O animal, uma perfeição, uma formidável torre de força,

estava por terra, de olhos vidrados, vítima de um inimigo de corpo tão pequeno que ele nem o viu.

Eu nem queria acreditar. Olhava para a barriga do boi, parecia um penedo a gemer de sofrimento, depois olhava para o céu escuro, de onde caía orvalho tão espesso que já cobria o animal como se fosse um manto ou um outro pêlo, e não caía em mim com tamanha desgraça.

Chorei até mais não porque nada havia a fazer. Era um ano inteiro de sacrifício que ia a enterrar, atirado pró maneta. Apenas se aproveitou a pele, que rendeu exactamente a nota que faltava para arrumar contas com o meu pai.

Então senti uma fibra qualquer partir-se dentro de mim. Com o peso.

Abalei. Tinha dezoito anos quando cheguei à Venezuela, pude escapar ao serviço militar porque nessa altura a guerra em Angola era única e ainda apouquentava pouco. O desgosto era tão grande no meu peito que me parecia que levava engolido o boi inteiro, coitado dele, tão indigesto.

Foi para fugir a esse desgosto, mas com esse desgosto, que emigrei, estão a perceber? Hoje, passados vinte e cinco anos, digo-vos que espaierei e me curei com o tempo. Também não tive outro remédio. A vida de emigrante ficou-me cheia de outros bois mortos por saparrelas, e de aflições e canseiras nem é bom falar. Um homem não tem dentro de si espaço para tanto luto, precisa de esquecer, aliviar-se.

Enfim, não me queixo. Aqui me vêem com uma fortuna razoável, dupla nacionalidade, pé cá pé lá e à beira da reforma com 44 anos de idade. Vamos lá festejar isto com mais um copo!

O

Foi em plena época das sementeiras que o pai, erguendo o busto do milho que mondava disse:

— Toino! A labuta cada ano é maior. Comprei muitas propriedades em outros tempos. Agora estou velho mas tu tens vinte e quatro anos e já podias muito bem arranjar cachopa...

Colhido de surpresa, entupiu. O pai tornou a debruçar-se sobre o rego, mondando-o com a mão direita escura e grossa. Arrancou vários pés de milho tenro que, com gesto maquinal, juntou a outros enfeixados sob o braço esquerdo.

Que pensamentos escondia o pai na sombra daquele chapelão de palha? Observador, de palavras medidas, ele bem lhe conhecia os derriços, não seria o caso de...

— A namorada que tenho não resolve, é pobre. Você sabe com quem falo: a filha da Conceição, que tem homem para o Canadá mas aquele, se vier, não há-de trazer dinheiro que se veja. Há a Rosalina, claro, ou talvez mesmo... Bem, só casamentos que não resolvem nem adiantam!

— Disse que arranjasses cachopa, uma rapariga que tenha tanta ou mais fazenda que tu, não disse que casasses com qualquer dessas que ainda namoras com desperdício de tempo. Eu estou com os pés para a cova e tu precisas de ir às falas com alguém que te mereça.

Compreendeu a ideia do pai. Seguramente já o havia destinado a alguma.

Durante largos minutos nada se ouviu no campo enverdecido alagado de silêncio e de sol. Continuou a desbastar o rego e, de caras para a realidade do seu próximo casamento, percorreu as imagens das raparigas do lugar sem descobrir entre elas nenhuma capaz de o aceitar e de lhe fazer macia a boca. Qual lhe seria destinada? Finalmente arriscou:

— Não vejo por aí ninguém de feição, meu pai. Tenho pensado em várias, cá do lugar e mesmo da Murteira, onde conheço algumas jeitosas...

— Não, Toino. Da Murteira, não. Ficavam as propriedades espalhadas por duas freguesias e seria um tormento para as fabricar. Aqui arranjas melhor casamento. Alguma cachopa que tenha propriedades ao lado ou perto de nós...

— Quem?

— Olha, assim como a filha do Casau.

— A Beatriz? A «Perna-Marota»?!

— Sim, Toino. Que tem isso? Ela é rica, mais rica que tu, é saudável, trabalhadeira. Que mais queres?

— Nunca pensei nela... Aquela perna enxota os rapazes. Nos bailes fica pelo menos metade das vezes sentada. E dizem que tem um génio de carneiro marrão. Ninguém gosta dela... Com o seu feitio, não teve ainda namorados. É ver-lhe o cravo repolhudo espetado na testa, aquela perna... Eu também não gosto dela. A Beatriz ficará para tia!

— Lérias. Ali onde a vês está à espera do primeiro macho que lhe apareça para ir à igreja toda gaiteira! Que é que pensas, Toino? A Beatriz é o melhor casamento que podes fazer! Ela não tem tido namoros mas olha que não lhe escassearam pretendentes! Namora-a e vais ver se gostas ou não gostas. A perna-marota e ao cravo habituas-te logo, vais ver. E as propriedades dela, por assim dizer todas juntinhas às nossas... Sabes quanto isso vale?

— Mas, pai...

- Namora-a, já disse. Experimenta.
— O mais certo é você ter falado com o Casau!...
— E se isso fosse verdade não era de agradecer?

Quando atirou a última resposta o pai já ia longe, sobraçando o pesado feixe de milho arrancado, em direcção ao carro de bois. E ele não se atreveu a retomar o assunto quando o pai regressou, vendo-o macambúzio, avesso a conversas como era do seu carácter. Mais tarde sentiu que a mãe estava a par do que se tramava. Então teve que encarar seriamente a possibilidade de casar com a Beatriz, aquela franganota desengraçada, de seios escorridos num busto mirrado como uma aduela, que os rapazes desdenhavam, deixando-a, nos bailes, sentada sem dançar, devido àquela fatídica perna escaveirada, muito mais magra do que a outra. A distância tal perna concentrava poderosamente a atenção e de perto via-se-lhe a infeliz verruga. Mas ele fez por esquecer os senões da Beatriz e architectou o futuro sobre conjecturas, algumas não de todo desagradáveis, comprazendo-se em moldar o destino na cera dócil dos sonhos.

Fosse como fosse, não perdeu oportunidades. Na primeira romaria, a de Santo António, acompanhou-a à tarde e à noite, durante o arraial nocturno. E quando, à meia-noite, lhe tomou a mão no escuro e a fitou de revés, a Beatriz pareceu-lhe quase linda, iluminada pela claridade argêntea do fogo de artifício.

Os amigos principiaram a aguilhoá-lo nas costas, logo que viram o namoro pegado. Considerou-os uns invejosos. Mas quando a namorada aparecia ao lado de outras raparigas, essas sim, escorreitas de formas, sentia no coração uma dor. Aquela perna escaveirada teria que pertencer-lhe também? Quanta repugnância sentia!

O pai aconselhava-o a esquecer os defeitos de Beatriz afirmando que ela serviria muito bem para tudo quanto as outras mulheres servem — e quase o conseguia. Olvidava satisfatoriamente a perna, esforçando-se por não a

ver e por pensar em coisa diferente, deter o pensamento em outras imagens. Já o mesmo não acontecia com a verruga, gorda e preta, que emergia da pele morena na fronte da rapariga como um minúsculo tufo de carne porosa, crestada.

Conversavam aos domingos à tarde, encostados à cantaria da porta da casa e, tendo-a ao alcance da mão, ele podia esquecer a perna desgraçada. Mas quando conseguia aliviar-se da visão do membro inferior e vencer a sua penosa recordação, tinha diante dos olhos, em proximidade intolérável, aquela fronte onde espigava a temível verruga. Esforçava-se por não a ver, por esquecê-la ou habituar-se à sua incômoda companhia, como quase conseguia com a perna. Em vão. A pequena verruga atraía-lhe implacavelmente a vista entontecida, magoava-o, indispunha-o consigo próprio. Seria possível que uma coisa de somenos fizesse ruir tão vantajoso casamento?

Para cúmulo, Beatriz comprazia-se em o desafiar. Dir-se-ia que, pérfida, a rapariga não escondia os seus defeitos, antes parecia querer impor-lhos como se ela própria fosse um prémio cobiçoso, alcançável através da provação.

Ficava nervoso, entristecia de súbito e também de súbito se alegrava à custa de violentos esforços, receoso de que a Beatriz notasse a repulsa invencível que lhe causava e se ofendesse. Animava-se de bons propósitos e pensava: «Agora hei-de estar uns minutos sem olhar para a sua testa!» Prometia a si mesmo fixar a vista no chão, na distância, na blusa ou, quando muito, nos lábios da rapariga quando conversavam. Sempre em vão! Um magnetismo estranho agarrava-lhe na vista e colava-a àquela verruga envenenadora da sua existência!

Ao dançar com ela podia esquecer uma vez mais a perna desgraçada, os mamilos imperceptíveis. Mas tinha a verruga hipnótica ainda mais perto da vista, roçava-a até com o queixo. Para cúmulo, a Beatriz, baixa como era, gostava de dançar muito cingida ao par. Isso deitava a perder o

calorzinho bom do corpo dela, a sensação inefável de a levar nos braços fortes ao compasso da música, tendo a promessa de em breve a fazer sua para sempre.

Era com uma espécie de amargo alívio que ele abria os olhos e a conduzia ao lugar e se furtava ao convívio intimidante dos amigos.

Via-se em sonhos aflitos a beijar a verruga asquerosa. Repousava sobre a sua superfície áspera, abraçava aquele feixe de tojos e possuía, no meio de um tanger de latas, aquela gâmbia escanzelada! Despertava dorido e não podia desabafar com ninguém.

A situação tornou-se insuportável porque a rapariga tinha os sentidos mais vivazes que qualquer outra mulher, habituada como estava a espiar as reacções que provocava nos outros, e não tardou a pressentir a luta surda que se desferia no íntimo do namorado. Nenhuma mulher perdoa tão fundo ultraje e ela não perdoou. Já notada por ter finalmente um namorado apresentável como qualquer das companheiras, principiou a evidenciar o génio mau que lhe apontavam. O Toino bem se esforçava por a desculpar, por não reparar na verruga espigada e na perna seca, pois a data da boda chegava à porta. Mas nauseado, com os nervos em desordem, deixava-se arrastar pela onda de cada discussão e, quando dava fé de si, lambiam-no incriveis labaredas de incêndio. Um asco visceral crescia-lhe no estômago, inundava-o por dentro, isolava-o da própria pele. Quando se tacteava sentia-se outro, entumescido, estranho, repelente.

Um domingo à noite chegou a casa e disparou:

— Pai! Aquela coisa com a Beatriz não pode continuar, não pode ser. Eu não posso casar com ela!

— Que dizes, Toino?!

— Que não posso casar! Zangámo-nos. Eu não consigo gostar dela, não consigo, não posso, percebeu? Prefiro casar com uma vagabunda, uma mulher perdida, que com ela, grande estafermo!

O pai estava sentado à mesa da cozinha, ao lado da mulher, diante da ceia dos três, esperando havia tempo a sua chegada. Levantou-se de repente, com a sanha dos homens tenazes que se enfurecem raramente, ao ver ameaçadas ambições de longos anos.

— Ah, não gostas?! Com que então o fidalgo não pode gostar da cachopa? E eu, de que tenho gostado todos estes anos da minha vida? Gostei porventura da tua mãe? Gostei do trabalho? Dos sacrifícios para te criar? De fossar dia e noite na terra por tua conta? E agora tens má boca!... Fiz-te mais biqueiro que eu, pelo visto! Dás-te ao luxo de não gostar de um casamento rico, lá porque pensas que a folha que te deixo já te torna um senhor lavrador! Pois olha que só consinto que cases com quem tenha tanta ou mais fazenda que tu!

— Pai, repito-lhe que não posso casar com essa lambisgóia da Beatriz. O diabo que a ature! Não estou disposto a sacrificar a minha vida à ambição de ter mais terras do que as que você me deixa.

— Pois eu digo-te que tens de casar! Então não tens vergonha nessa cara? Ou casas ou deserdo-te, malvado! Queres matar-me com desgostos?

— Faça o que quiser, ouviu? Já disse que não caso nem caso mesmo com aquela jumenta carregada de ouro, com uma perna como fueiro queimado e um cravo no meio da testa! Deserde-me se quiser. Mas casar com ela, case você, que tem tanta vontade!

— Deserdo-te e escorraço-te da minha casa, malvado! Rua! Rua, filho desnaturado! Vai aprender quanto custa a vida, vai aprender a respeitar e a obedecer aos teus pais, malandro! Rua! Rua!

Fora de casa a noite de Junho escaldava sobre o crânio enfebreado, a pele sudorosa. Na noite densa, a liberdade tolhia-se num campo de chumbo e os passos conduziam uma vontade de evasão presa a grades móveis.

POSFÁCIO RETROSPECTIVO

Um dia, a propósito de certa colectânea de contos «urbanos» que lhe pedira para apreciar antes da publicação, Mário Sacramento opinou-me que eu devia era escrever sobre a realidade rural, ou seja, sobre aquilo que à época eu melhor conheceria. Estávamos no fim dos anos cinquenta.

A sugestão, digna do homem excelente e do amigo tanto como do crítico e ensaísta de reconhecidos méritos, tinha porém de cair em saco roto. Era *incompreensiva*, não tomava na devida conta as necessidades profundas do meu processo de crescimento. Eu asfixiava na aldeia natal, ali a dois passos de Aveiro, como qualquer jovem carregado de sonhos ansiosos e de imaturidade. As próprias formas culturais que almejava e principiava a utilizar para me exprimir literariamente eram, tinham de ser de tipo urbano. Portanto, à medida que me descobria situado entre os dois pólos (cidade-campo), tive que me ir demarcando das formas culturais autóctones para poder começar a falar, como escritor, a linguagem da «civilização».

Evidentemente, isto representou uma contradição que vivi até ao fim.

Mário Sacramento, com aquela opinião tão objectiva, apontava num sentido diverso deste. Tive por isso de o desatender. É de notar, entretanto, que o saudoso companheiro de mesa do café Trianon acabaria por reconhecer mais tarde, escorado em Luckcas (*Estética*), que «*não há arte sem alienação*», conforme se lê no seu *Diário* (ed. Limiar, Porto, 1975), em nota de 25-Fev-1968. Aliás, pode-se pensar, com o velho Platão (*Banquete*), que... «*em geral, quando se é sábio, não se filosofa*» porque «*quando se não tem a convicção de que [nos] falta alguma coisa, também não existe o desejo dela.*»

Talvez enrede a questão, mas devo confessar que, quando procurei o parecer de Mário Sacramento — ou seja, quando me alienava na aldeia assimilando ao máximo formas culturais «civilizadas», não rurais — já existiam alguns dos textos que integram a presente obracinha. Com efeito, nunca deixei de escrever sobre temas rurais, como se fosse incapaz de virar de todo as costas às origens camponesas. A traição cometida ficou, assim, incompleta.

Com tudo isto, acompanha-me este livro há perto de trinta e cinco anos, desde o limbo dos próprios tentes que constituíram a minha iniciação literária. Reescrito uma dezena de vezes, nem o título manteve inalterável através de muitas andanças. Chegou a ser anunciado na revista «Bandarra» (Porto) durante 1955, como seu lançamento próximo, e entrou em fase de composição tipográfica. E só hoje, volvidos tantos anos, posso livrar-me dele na atitude aliviada de quem paga uma dívida velha contraída perante si mesmo e os outros!

Acontece isto depois de eu permanecer mergulhado em ambiente urbano desde há muito tempo. Num certo sentido (não só psicológico) foi na cidade que vim a descobrir o campo, tal como só descobri verdadeiramente os meus pais depois deles me emancipar...

Nem seria preciso dizê-lo com todas as letras: este livro evoca um passado morto. Fala de um mundozinho desapa-

recido, de uma outra Atlântida: a Bairrada que existiu até cerca do fim da Segunda Grande Guerra e que poderá hoje subsistir sob formas residuais.

Eis-me portanto a mexer numa realidade rural bastante delida, com o respectivo espaço linguístico, tal como a memória a captou misturada com vivências da infância. Este, possivelmente, um condão das presentes ficções, porque a minha Bairrada natal não ganhou ainda, que se saiba, expressão autónoma no plano da literatura. Ignoro se consigo exprimi-la, pouco que seja, mas, se falhei, não foi por falta de bairradismo no sangue: fiz-me homem rilhando a côdea de broa, comendo as batatas com a carne de porco e bebendo o vinho carrascão daquelas terras arejadas e generosas.

De qualquer modo, a Bairrada actual é outra. Mal a reconheço. Vêm-se por lá casas vazias (frutos da emigração massiva), terrenos lavrados a monte, vinhas arrancadas ou abandonadas, álamos a crescer em terras de pão.

A própria arquitectura predominante das moradias recém-construídas assinala o vento da mudança: desaparecem as casas de lavoura austeras com alpendres e aido, pátio e currais, enquanto surgem «vilas» airoas e alegres que sem esforço poderiam enquadrar-se dentro de uma cidade. Nas estradas circulam, em vez de pachorrentos carros de bois e bicicletas a pedal, abundantes camionetas, automóveis, motorizadas... Os motores invadiram também a paisagem bairradina, competindo com pardais e lebres, toupeiras e gramões. A gente não tem cessado de fugir, deixando as terras cada vez mais ermas.

Longe vai o tempo em que cada casa de lavoura constituía uma unidade económica quase auto-suficiente. Agora não escasseia solo para trabalhar e vai-se ao café ou à *boite* em vez de ir à taberna. A adega doméstica deixou de servir para receber as visitas e assar um chouriço em aguardente, chegando-lhe um prato de azeitonas e umas copadas. O vento da mudança afectou rapidamente outros hábitos,

inclusive a própria tradição da ida para a praia, na época balnear. O mês que se passava na Costa Nova, ou em Mira, era o de Outubro, que permitia a cada lavrador fazer o S. Miguel e aproveitar depois o «Verão de S. Martinho».

A balhana seguia à frente, bem sujeita por um adibal, no carro de bois, rumo ao palheiro ou ao recoleto alugado por um preço modesto, nas traseiras. A carga inchava entre os fueiros. Eram arcas com mantas de farrapos e cobertores, toalhas, louças e roupas; eram broas frescas, quartolas de vinho, sacos de batata e demais víveres para todo o mês; eram feixes de achas e de agulhas; almotolias, candeiros de petróleo e gasómetros e até, talvez, a caçamba dos pregos com ferramentas para o que desse e viesse...

Rcordo-me adolescente, empoleirado desde a fundura da madrugada até ao fim da tarde numa destas balhanas imensas, que espantariam colonizadores do Far-West, a solavancar por estradas lunares até à Costa Nova, onde, bem agarrado por um terrífico banheiro, era durante o mês ritualmente sacrificado às ondas do mar pelas oito horas da manhã...

Este e outros costumes sumiram-se no período de uma única geração, dando lugar a comportamentos pautados pela dita «sociedade de consumo», de acordo com padrões do capitalismo. Só não desapareceu o individualismo dos Bairradinos, que corresponde, noutra plano, à estrutura fundiária da região (o minifúndio, como se sabe), que dificulta a criação de cooperativas de produção agrícola e outras formas associativas de natureza económica. Os lavradores bairradinos já avaliam o benefício da utilização das máquinas mas resistem a reconhecer os benefícios da associação, na teima de que se safam melhor sozinhos...

Evocam estas páginas um mundozinho desaparecido, uma Atlântida — está lá. Mas não se esqueça que a Bairrada de hoje resultou da que existiu. Talvez no seu passado se contenham chaves úteis para compreender, na região, a actualidade — e alguma coisa do miolo deste livro.

DO AUTOR (no mercado):

Bustos — Elementos para a sua história, ed. da ABC de Bustos, 1983.

Som de origem, Livros Horizonte, 1985.

Os segredos do subterrâneo, ilust. de Ivone Ralha, Ed. Um de Outubro, 1986, («Prémio Ano Internacional da Juventude»).

Histórias com ratos da Paspalhóvia, ilust. de Manuela Bacelar, Ed. Afrontamento, 1986.

Histórias com historinha dentro, ilust. de Júlio Resende, Ed. Figueirinhas, 1986.

bibRIA

Composto e impresso nas oficinas da Editorial Minerva
MINIGRAFICA — Cooperativa de Artes Gráficas, CRL
Rua de Alentejo, 30 — Telef. 38 43 30 — 1500 LISBOA

Dep. Legal n.º 17055/87

bibRIA

Composto e impresso nas oficinas da Editorial Minerva
MINIGRAFICA — Cooperativa de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Telef. 36 47 20 — 1200 LISBOA

Dep. Legal n.º 17055/87



250\$00

bibRIA

A Bairrada tem escritores, mas os seus escritores têm muito pouco a Bairrada. Esta região, por outra banda tão rica e caracterizada, não “vive” no plano literário. O livro “A ÚLTIMA APOSTA (Ficções na Bairrada)” rompe com esta tradição de silêncio. Constitui a revelação de um mundo estranhamente desconhecido para a literatura portuguesa, hoje, por fim, tratado enquanto matéria possível de ficção.

Arsénio Mota conservou inédito este livro durante mais de 25 anos, depois de o reescrever vezes sucessivas. É, aliás, a sua primeira obra — e ele publica livros desde 1960. Nascido em 1930, em Bustos, no concelho de Oliveira do Bairro, e na sequência de obras com diversa temática (como “Som de Origem”), Arsénio Mota encontra agora a memória da sua raiz regional mais funda, nela descobrindo, porventura, uma ressonância mais poderosa e universalista.